MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO TOCANTINS (IFTO) - *CAMPUS* PALMAS
CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA EM LETRAS/HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

EDUARDA MARIA RIBEIRO ANDRADE

O PESO DO FALAR: PALAVRAS E EXPRESSÕES RACISTAS NO *TWITTER*

PALMAS - TO
2023

EDUARDA MARIA RIBEIRO ANDRADE

O PESO DO FALAR: PALAVRAS E EXPRESSÕES RACISTAS NO *TWITTER*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do título de licenciada em Letras - Língua Portuguesa pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins - IFTO *Campus* Palmas.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lourdes Cardoso Dias.

PALMAS – TO
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins

A554p Andrade, Eduarda Maria Ribeiro
O PESO DO FALAR: PALAVRAS E EXPRESSÕES DE CUNHO RACISTA / Eduarda Maria Ribeiro Andrade. – Palmas, TO, 2023.
57 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas, Palmas, TO, 2023.

Orientadora: Dra. Ana Lourdes Cardoso Dias

1. Racismo. 2. Linguagem. 3. Léxico. I. Dias, Ana Lourdes Cardoso. II. Título.

CDD 400

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Elaborado pelo sistema de geração automatica de ficha catalográfica do IFTO com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

EDUARDA MARIA RIBEIRO ANDRADE

O PESO DO FALAR: PALAVRAS E EXPRESSÕES RACISTAS NO *TWITTER*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do título de licenciada em Letras - Língua Portuguesa pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins - IFTO *Campus* Palmas.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lourdes Cardoso Dias.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA:

_____

Profa. Dra. Ana Lourdes Cardoso Dias
IFTO - Campus Palmas

_____

Profa. Ma. Fernanda Silva Neves
IFTO - Campus Palmas

_____

Profa. Dra. Mirelle da Silva Freitas
IFTO – Campus Palmas

Àqueles que me deram a vida, minha mãe e meu pai, e a todos os que me encorajam a continuar vivendo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às forças divinas que me sustentaram até aqui, em todos os momentos difíceis, de dor e de dúvidas.

À minha mãe, Rosenir, que contribuiu de forma grandiosa para que eu me tornasse quem sou. Obrigada pelo apoio em tantas fases importantes e por me ajudar a simplificar a vida.

Ao meu pai, Pedro Edgar, por ter comprado os meus primeiros livros e por sempre ter me incentivado. Obrigada pelas frutinhas levadas no quarto enquanto eu estudava.

Agradeço aos meus irmãos mais velhos, Daiana, Dariane, Marcos Vinícius, Hudson e Murilo por terem cuidado de mim, cada um à sua maneira. Agradeço ao meu caçula, Pedro Paulo, por me ajudar a ser melhor.

Às minhas amigas de infância, Lara, Kamilla, Tamara, Hagnes e Maria Laura por toda lealdade e apoio. E às amizades que encontrei ao longo da vida, Izabella Martins, Maria Eduarda, João Vitor, Jefferson Soares, Allysson Gustavo, Isabella Dias e Diego Panhussatti, por apoiarem a minha jornada, mesmo de longe.

Agradeço aos professores incríveis que atravessaram a minha vida escolar, Raquel Ribeiro, Gilmar Matos, Walter Walentino e Alene Prima, por acreditarem no meu potencial. Ao professor Francisco Balbé, por dividir tanta sabedoria comigo e me incentivar a voar.

Agradeço às amizades que construí na faculdade. Rayane Lustoza, pela compreensão e companheirismo, por ter sido amparo e alegria desde o primeiro dia. Anne Caroline, por ser prestativa, amorosa e parceira, pelas brincadeiras e pelo cuidado. Vitória Miranda, Danielle Azevedo, Iasmim Torres, Elissama e Waleks, que traçaram outros caminhos, mas deixaram um legado de amor, força e coragem, obrigada. Agradeço também à Júlia Regina, Bianca Chaves, Lucas e Emerson, por serem gentis e afetuosos. Vocês tornaram a experiência no curso de Letras muito mais agradável.

Agradeço ao meu amigo e companheiro, Luis Carlos, por toda compreensão, carinho e cuidado. E por me ouvir falar incessantemente sobre as coisas que me interessam, como este trabalho.

Agradeço aos professores do curso de Letras do IFTO - Campus Palmas, Denise Oliveira, André Lira, Fernanda Neves, Mirelle Freitas e Ana Lourdes por terem me impulsionado a ser melhor como pessoa e como estudante e pesquisadora.

À minha professora orientadora, em especial, agradeço pela paciência e sabedoria. Por todas as conversas e recomendações. Pela sinceridade, pela simplicidade e pelo comprometimento com o meu trabalho.

Agradeço à minha família, de modo geral, pelo apoio e incentivo. Ao Antônio, meu sobrinho, por me dar forças mesmo sem saber. À dona Rose, por tantas demonstrações de carinho. E à minha avó Maria, por ser fortaleza e amor.

Agradeço também àqueles que vieram antes de mim, aos meus ancestrais, que lutaram pelo fim da escravidão. E ao Coletivo Enegrecer do Tocantins, um espaço de acolhimento e resistência.

“Eu fico perplexa como a negritude -
Essa negritude santa
Essa negritude sagrada
Essa negritude abençoada
Tornou-se uma sentença
Tornou-se uma ofensa
Um crime
Uma contravenção
Um delito
E quando o sangue negro corre,
isso é algo menor
Isso é uma coisa comum
Isso é algo que já se espera

Quando o sangue negro corre,
o sistema não chora.”

Upile Chisala

RESUMO

Este trabalho tem como proposta analisar palavras e expressões racistas utilizadas na rede social *Twitter*, a fim de entender suas origens, significados e intenções, com base em estudos linguísticos, históricos e sociais. Tem-se o intuito de denunciar o racismo e trazer reflexões a respeito da importância do uso consciente da língua. Nesse viés, aborda-se questões relativas à linguagem e ao léxico na sociedade, bem como, fatores culturais e políticos que influenciaram na formação do português brasileiro, além dos processos de significação da língua. A respeito da temática racial são apresentados conhecimentos históricos a fim de elucidar os conceitos de raça e de racismo, entender o processo de colonização no Brasil e discutir as formas de manifestação do racismo na atualidade. O trabalho caracteriza-se como exploratório e explicativo, de cunho bibliográfico, baseando-se nos estudos teóricos de linguistas como Biderman (2001, 2002), Antunes (2012), Basílio (2004) e Mattos e Silva (2004) que direcionam seus estudos ao léxico da língua portuguesa. Além disso, as contribuições relacionadas aos processos de significação da língua são ancoradas nas perspectivas de Borba (2005), Guiraud (1987) e Ribeiro (2016). E, para a abordagem da discussão que envolve o colonialismo e o racismo, estuda-se as teorias de Almeida (2019), Nascimento (2019), Ribeiro (2019) e Schwarcz (2018). Ao final da pesquisa, constatou-se que a marca do racismo estrutural é evidente nos usos do português brasileiro, principalmente, devido à constante atribuição de sentidos depreciativos e prejudiciais aos termos *negro* e *preto*, que estão diretamente ligados à identidade racial no Brasil, reafirmando a visão colonialista de que as pessoas negras são inferiores. Diante disso, os falantes, por vezes, têm consciência do racismo manifestado nos seus usos linguísticos e, em outras, não, devido à estrutura social que causa a naturalização de posturas e falas racistas. Em síntese, conclui-se que é necessário ter uma conduta antirracista visando à tomada de consciência e à desconstrução dos estereótipos negativos atribuídos ao povo negro e, para isso, o conhecimento sobre os processos históricos é uma ferramenta essencial.

Palavras-chave: Racismo. Linguagem. Léxico. Sociedade. *Twitter*.

ABSTRACT

This work aims to analyze racist words and expressions used on the social network Twitter, in order to understand their origins, meanings and intentions, based on linguistic, historical and social studies. The aim is to denounce racism and bring reflections on the importance of the conscious use of language. Thus, issues related to language and the lexicon in society are addressed, as well as cultural and political factors that influenced the formation of Brazilian Portuguese, in addition to the languages signification processes. Regarding racial issues, historical knowledge is presented in order to elucidate the concepts of race and racism, understand the colonization process in Brazil and discuss the forms of manifestation of racism today. The work is characterized as exploratory and explanatory, bibliographic in nature, based on the theoretical studies of linguists such as Biderman (2001, 2002), Antunes (2012), Basílio (2004) and Mattos e Silva (2004) who direct their studies to the lexicon of the Portuguese language. In addition, the contributions related to language meaning processes are anchored in the perspectives of Borba (2005), Guiraud (1987) and Ribeiro (2016). And, to approach the discussion involving colonialism and racism, the theories of Almeida (2019), Nascimento (2019), Ribeiro (2019) and Schwarcz (2018) are studied. At the end of the research, it was found that the mark of structural racism is evident in the uses of Brazilian Portuguese, mainly due to the constant attribution of derogatory and harmful meanings to the terms *negro* and *preto*, which are directly linked to racial identity in Brazil, reaffirming the colonialist view that black people are inferior. In view of this, speakers are sometimes aware of the racism manifested in their linguistic uses and, in others, they are not, due to the social structure that causes the naturalization of racist postures and speeches. In summary, it is concluded that it is necessary to have an anti-racist conduct aimed at raising awareness and deconstructing the negative stereotypes attributed to black people and, for this, knowledge about historical processes is an essential tool.

Keywords: Racism. Language. Lexicon. Society. *Twitter*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - *Print* de *tweet* com a palavra *denegrir*…….…….....36
Figura 2 - *Print* de *tweet* com a expressão *ovelha negra*…….……...38
Figura 3 - *Print* de *tweet* com a expressão *ovelha negra*…….……...39
Figura 4 - *Print* de *tweet* com a expressão *magia negra*…….…….....40
Figura 5 - *Print* de *tweet* com a expressão *não sou tuas negas*……. ….41
Figura 6 - *Print* de *tweet* com a expressão *cheiro de nego*……....42
Figura 7 - *Print* de *tweet* com a expressão *dia de preto*…….……...44
Figura 8 - *Print* de *tweet* com a expressão *a coisa tá preta*……....45
Figura 9 - *Print* de *tweet* com a expressão *a coisa tá preta*……....4
Figura 10 - *Print* de *tweet* com a expressão *inveja branca*……47
Figura 11 - *Print* de *tweet* com a palavra *mulata*…….….….48
Figura 12 - *Print* de *tweet* com a expressão *da cor do pecado*…….……...…49

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....10

CAPÍTULO 1 - LÍNGUA E SOCIEDADE …….....12

1.1 LINGUAGEM, LÉXICO E SOCIEDADE……..…12

1.2 FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO …….…….....14

1.3 PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS ……...17

CAPÍTULO 2 - O RACISMO: DO PRINCÍPIO À ATUALIDADE……..…24

2.1 A RAÇA NA HISTÓRIA…….…….....……..…22

2.2 OS CONCEITOS DE RACISMO…….…….…….…….....22

2.3 ESCRAVIZAÇÃO NO BRASIL….…….…….…….....26

2.4. PÓS-ABOLIÇÃO.....….29

2.5 RACISMO NA LINGUAGEM…….…….…….…….....32

CAPÍTULO 3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS…….....33

CAPÍTULO 4 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS……...……...36

CONSIDERAÇÕES FINAIS…….....53

REFERÊNCIAS…….....55

INTRODUÇÃO

O Brasil passou por um longo período de escravização, foram quase 400 anos. No entanto, mesmo após a abolição da escravatura, não houve um processo de readequação dos ex-escravizados para uma vida digna em sociedade. Assim, devido aos impactos do sistema colonialista europeu, pessoas negras permanecem marginalizadas e invisibilizadas na sociedade, sendo vítimas de estereótipos negativos que se concretizam de diversas formas, inclusive através da linguagem.

Nessa perspectiva, este trabalho se propõe a estudar a relação entre a linguagem e o racismo, através de postagens da rede social *Twitter*. Com a análise dos vocábulos, buscaremos responder aos seguintes questionamentos: As palavras e expressões de cunho racista encontradas na rede social *Twitter* são usadas de forma intencional ou não? Se sim, qual a motivação para que os falantes façam uso dessas palavras e expressões? O que esses usos demonstram com relação ao racismo marcado nas escolhas lexicais?

Com base nessas indagações e em pesquisas iniciais, levantou-se a seguinte hipótese: a língua é um espaço de poder e de opressão, por contribuir com a manutenção do sistema racista, beneficiando determinados grupos sociais e inferiorizando outros, neste caso, as pessoas negras. Logo, o uso de palavras e expressões de natureza racista por parte da sociedade brasileira se deve ao racismo estrutural vigente no país. E isso se manifesta no cotidiano, como na rede social *Twitter*, espaço em que muitos usuários escondem a sua real identidade e reproduzem comentários discriminatórios de maneira intensa. Consequentemente, torna-se evidente, em algumas postagens, a presença do racismo na sua maneira de se expressar, sejam eles conscientes disso ou não.

O trabalho se justifica pelo interesse da pesquisadora em realizar um estudo que envolva a linguagem e a temática racial, visto que, como pessoa negra e futura professora de Língua Portuguesa, considera esta uma questão pertinente. Ademais, o estudo torna-se relevante por suscitar reflexões a respeito do uso de termos e expressões racistas, mostrando seu significado, através de suas raízes históricas e do seu impacto na atualidade. Nesse sentido, busca contribuir cientificamente com pesquisas do campo linguístico atreladas ao racismo, visto que este está estruturalmente enraizado na sociedade brasileira e, por consequência, na forma como utilizamos a língua.

Sendo assim, o objetivo geral do estudo é analisar palavras e expressões racistas utilizadas no *Twitter*, a fim de entender suas origens, intenções e significados. Bem como, evidenciar a marca do racismo presente na Língua Portuguesa, com o intuito de demonstrar a

importância do uso consciente da língua. Quantos aos objetivos específicos traçados no início do trabalho, foram os seguintes: identificar as palavras e expressões racistas utilizadas no *Twitter; a*veriguar os sentidos dos vocábulos, relacionando os contextos linguísticos e socioculturais que validam seus usos; possibilitar reflexões ancoradas numa conduta antirracista.

O embasamento teórico desta pesquisa apoia-se nos estudos de autores como Borba (2005), Antunes (2012), Biderman (2001) e Basílio (2004), dentre outros autores que tratam de estudos linguísticos referentes ao léxico e à semântica. No que diz respeito ao processo de escravização e à temática racial, o presente estudo sustenta-se nas teorias sociais de Almeida (2019), Ribeiro (2019), Munanga (2003), Schwarcz (2018), bem como, na abordagem de Nascimento (2019) que trata do racismo linguístico. Em relação à natureza da pesquisa, a abordagem é qualitativa e de caráter bibliográfico.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro, aborda-se as questões relativas ao léxico, à formação do português brasileiro, além de tratar dos processos de significação da língua. No segundo capítulo, discute-se o racismo a partir de um panorama histórico, tratando das concepções de raça e racismo, do processo de escravização e da relação entre linguagem e racismo. No terceiro, apresenta-se os procedimentos metodológicos que conduziram a pesquisa e, no quarto, a análise e discussão dos dados. Por fim, traz-se as considerações finais e as referências teóricas utilizadas neste estudo.

CAPÍTULO 1 - LÍNGUA E SOCIEDADE

Neste capítulo, está situada a fundamentação teórica referente aos estudos linguísticos que respaldam o presente trabalho. Tendo em vista que o estudo se baseia em palavras e expressões extraídas de um espaço de uso real da língua, faz-se imprescindível abordar a lingua(gem) e o léxico aliados ao contexto social, como também, a formação do português brasileiro sob o ponto de vista histórico-cultural e, por fim, os processos de significação da língua, considerando os estudos semânticos, morfológicos e etimológicos.

1.1 LINGUAGEM, LÉXICO E SOCIEDADE

Sabe-se que a linguagem é essencial para a interação humana. Por meio dela, as pessoas se comunicam, expressam sentimentos, desejos, crenças e posicionamentos, seja através da escrita, da oralidade, de imagens, ou de gestos e expressões, como nas línguas de sinais. Desse modo, pode-se dizer que grande parte do que conhecemos do mundo se dá através do poder da linguagem.

Todas as esferas da atividade humana estão relacionadas com a utilização da língua, sendo esta uma ferramenta de interação social, fundada nas necessidades de comunicação dos indivíduos (BAKHTIN, 2006). Dessa forma, a língua não pode ser vista apenas como um sistema de regras, pois está diretamente relacionada com as vivências de quem se comunica através dela.

De forma similar, Bagno (1999, p. 9) elucida que “só existe língua se houver seres humanos que a falem”. O que reforça a incoerência de estudar as línguas sem considerar os seus falantes e suas multiplicidades. Não somos homogêneos, portanto, a língua também não. Os aspectos geográficos, culturais e sociais não podem ser ignorados no campo linguístico.

Nesse contexto, a história da língua acompanha a marcha da história do povo que a fala, a maneira de falar de um indivíduo transparece os traços socioculturais reveladores da sua comunidade linguística e da sua região de origem (ISQUERDO, 2008). Dessa forma, percebemos quanta riqueza há na diversidade linguística, pois a identidade de cada povo se manifesta através da linguagem, de acordo com a sua própria cultura e suas experiências.

Alinhado a isso, Biderman (2001) considera que o léxico da língua constitui um tesouro de signos linguísticos que registra o conhecimento que a comunidade tem do mundo através das palavras. Os vocábulos dão testemunho da cultura de que fazem parte, então, “o léxico tem

papel fundamental na estrutura e funcionamento da língua porque abrange os conceitos linguísticos e extralinguísticos da cultura e da sociedade" (BIDERMAN, 2001, p. 8).

Destarte, para estudar a origem e a significação das palavras, devemos refletir sobre as relações com o meio, já que a língua falada está interligada aos aspectos históricos, socioculturais e identitários de cada nação. Desse modo, abordaremos a respeito de cultura e identidade para entendermos sua relação com o léxico.

Para tanto, cabe afirmar que o conceito de cultura passou por diversas transformações ao longo da história. De acordo com Canedo (2009), cultura pode ser entendida como modos de vida que caracterizam uma coletividade. O autor pontua que "a cultura é definida como um sistema de signos e significados criados pelos grupos sociais" (CANEDO, 2009, p. 4). Ela se produz por meio da interação social, em que as pessoas constroem modos de pensar, valores, hábitos e tradições.

Na concepção de Chauí (1995, p. 81): "Todos os indivíduos e grupos são seres e sujeitos culturais". Dessa forma, as diversidades culturais precisam ser vistas e valorizadas. Mesmo que a classe dominante classifique a sua cultura como superior, há grande valor nas tradições e culturas populares. E essa multiplicidade é o que caracteriza o Brasil.

Por outro lado, a identidade social pode ser entendida como o sentimento de pertencer a um determinado grupo. É a identidade que representa a forma como os indivíduos enxergam a si mesmos e aos outros no mundo (TILIO, 2009), o que influencia nos posicionamos individuais e nas percepções que se tem dos outros através desses posicionamentos.

De acordo com Tilio (2009), identidades sociais não são fixas e imutáveis, elas são construídas através das relações sociais, podendo ser transformadas e reconstruídas a partir de novas trocas, em um processo constante. As identidades sociais envolvem raça, sexualidade, gênero, classe social etc. Nesse viés, assumem papéis diferentes em sociedades diferentes, pois cada nação tem seus padrões culturais estabelecidos.

Ainda conforme o autor (Ibidem) as identidades sociais são construídas através do discurso e, a partir disso, as pessoas se posicionam no mundo. Em outras palavras, a linguagem tem suma importância na construção e na reconstrução de identidades, na manifestação do que se é, pois permite a expressão de ideias e pensamentos e o contato com outras pessoas.

Certos traços culturais fazem parte da identidade, contudo, dificilmente uma identidade engloba todos os aspectos de uma cultura (TILIO, 2009). Isso demonstra que a cultura e as origens são determinantes na construção da identidade de um ser, mas outros fatores influenciam na formação individual, que pode ser modificada e transformada ao longo da vida, de acordo com os novos espaços ocupados, para além do seu berço.

De modo geral, acreditamos que valorizar as diferenças culturais é primordial para que a identidade de cada comunidade seja respeitada e tenha o seu devido valor. O léxico é manifestação da identidade cultural e social, então, todas as variedades linguísticas precisam ser valorizadas, já que estão ligadas ao que cada comunidade ou indivíduo representa no mundo.

Nessa perspectiva, Antunes (2012) ressalta que todas as palavras remetem ao conhecimento que o homem constrói em sua experiência social com grupos e culturas de que participa. Portanto, defende-se que os múltiplos saberes sejam expressos das mais diversas maneiras, sem que um modo de falar seja superior em detrimento de outros.

Pode-se dizer também que o léxico de uma comunidade sofre interferências variadas tais como da família, da igreja, da escola e das mídias. Essas instituições sociais são responsáveis por moldar, de certa forma, o repertório linguístico do indivíduo, muitas vezes, determinando algumas escolhas linguísticas em detrimento de outras.

Sabe-se que essas instituições sociais exercem um papel ímpar na formação ideológica de um indivíduo. Isso explica por que muitas construções sociais são concretizadas através das crenças e atitudes das pessoas que, às vezes, são passadas de geração a geração (SANTOS; NEIVA, 2020). O que confirma o fato de que as escolhas discursivas que manifestam o racismo no Brasil não acontecem por acaso, mas são carregadas de intenções políticas e culturais.

Isso posto, procuraremos respostas para questões que envolvem o racismo na linguagem, pois, como afirmam Santos e Neiva (2020), as crenças, os valores, as ideologias, os pensamentos e as emoções de um indivíduo são percebidos no discurso. Dessa maneira, o racismo está entranhado na forma como se vê o mundo, mesmo que os falantes não tenham consciência disso.

De forma ampla, entende-se por léxico o conjunto de palavras que pertencem a uma determinada língua. O léxico pode ser visto como uma componente das línguas que têm por função produzir, armazenar, processar e transmitir signos que os falantes utilizam (RIBEIRO, 2016). Então, através dos usos das palavras escolhidas é que se expressam os posicionamentos dos falantes.

Feita essa introdução, no tópico seguinte, trataremos da formação do léxico brasileiro, levando em conta os aspectos sociais, histórico-culturais e políticos envolvidos.

1.3 FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

No que diz respeito à Língua Portuguesa, Petter (2002) reitera que nos primeiros estudos sobre a diferença entre o português de Portugal e o português brasileiro, observou-se que a

variedade nacional se distinguia da língua dos portugueses pela incorporação de termos de origem indígena e africana, decorrente do contato dos falantes de línguas diversas no período colonial e da necessidade de denominar realidades novas encontradas na América. Em vista disso, a formação do português brasileiro contou com contribuições de outras línguas.

Na concepção de Mattos e Silva (2004), a língua portuguesa falada no Brasil advém das relações entre o português europeu, as línguas indígenas, africanas e outras línguas de imigrantes aqui chegados. O português da Europa aqui se estabeleceu através da invasão portuguesa por volta de 1500, quando os povos originários já habitavam as terras brasileiras. Isto é, a partir dos processos de escravização, as trocas entre as diferentes línguas originaram o português do Brasil.

Nessa perspectiva, considera-se que anteriormente à colonização portuguesa, existiam apenas as línguas indígenas no Brasil, mas houve uma repressão aos seus usos, pois, a partir da segunda metade do século XVIII, o país torna-se espaço de língua dominante portuguesa, devido à conhecida política linguístico-cultural desenvolvida pelo Marquês de Pombal (MATTOS E SILVA, 2004), em que foi instituída a difusão e a obrigatoriedade do ensino da língua portuguesa.

No que diz respeito à multiplicidade das línguas indígenas no Brasil no momento da invasão europeia, não é possível obter um cálculo exato, mas há estimativa de que havia 1500 línguas, tendo restado apenas cerca de 180 línguas nativas. As populações indígenas somavam cinco milhões de pessoas e hoje representam cerca de 262.000 pessoas (MATTOS E SILVA, 2004).

Esse aniquilamento fez com que os povos originários da terra passassem a ocupar espaços marginalizados na sociedade, sendo considerados minorias. Além do mais, muitos deles vêm adquirindo a língua portuguesa, no entanto, cada vez mais, se tornam conscientes da necessidade de preservação de suas culturas e suas línguas.

Nas palavras de Biderman (2001), com os séculos de convivência entre índios, negros e brancos, os grupos precisaram se adaptar às diferenças culturais. Todavia, a cultura portuguesa foi dominante, sendo instituída em todos os espaços, por isso a língua portuguesa assimilou as demais, ficando profundamente marcada por empréstimos indígenas e africanos, principalmente, na fonética e no vocabulário.

Nesse sentido, Bonvini (2008) ressalta que o continente africano é um espaço geográfico que abriga quase um terço das línguas do mundo. O conjunto dessas línguas, conforme os últimos estudos, reparte-se em quatro grandes troncos ou filos: o *nigero-congolês*, com 1495

línguas, o *afro-asiático*, com 22 línguas, o *nilo-saariano*, com 197 línguas e, o *coissan*, também com 22 línguas.

Para o autor (Ibidem), é necessário enfatizar a diferença entre as línguas faladas pelos nativos africanos no continente africano e no solo brasileiro, após serem escravizados, pois os ciclos do tráfico tiveram influência na seleção das línguas e modificaram parte da estrutura de algumas delas.

A respeito das línguas africanas trazidas para o Brasil, Bonvini (2008) diz que estas foram desenraizadas de seu nicho ecológico, submetidas a diversos rompimentos. A ruptura semântica foi a que mais se sentiu, pois, para os africanos deslocados, o sentido das palavras tornou-se antiquado, porque elas não refletiam mais a realidade africana, mas, ao mesmo tempo, a nova realidade era constituída de noções muito diferentes daquelas a que estavam acostumados.

Aliado a isso, Mattos e Silva (2004, p. 97) expõe que “a massa africana escravizada chegada ao Brasil e seus descendentes tiveram que aprender uma outra língua, na oralidade, sem normativização escolar, a língua dominante da colonização, a portuguesa." Isso significa que, além de serem forçados a se adaptar a uma nova realidade de mundo, precisaram se adaptar a um novo contexto linguístico.

Biderman (2002) reitera que foram muitas as línguas e culturas africanas trazidas pelos escravizados, sendo elas: iorubá e nagô (da Nigéria), gege (do Daomé), mina (da Costa do Ouro), mandinga e haussá (da Guiné e da Nigéria), línguas bantus (de Angola e do Congo), quicongo, cabinda, etc. Dessa forma, na formação da sociedade e da cultura brasileiras, foi enorme o impacto da cultura africana nos costumes, na cozinha, na religião, na música. Predominaram as línguas bantas, nos períodos do tráfico de africanos para o Brasil, logo seguidas, a partir do século XVIII, pelas línguas da família benue-kwa do grande golfo africano, sobressaindo-se, dentre elas, a língua iorubá.

A hegemonia da língua portuguesa no território brasileiro foi possível, principalmente, em razão da cultura de superioridade implantada pelos colonizadores europeus. Como resultado, prevaleceu como norma-padrão do português brasileiro uma variante elitizada, que não atribui o devido valor às contribuições e à cultura de povos importantes na construção desse país: indígenas e africanos (MATTOS E SILVA, 2004). Apesar disso, as diversidades não deixaram de existir e as comunidades se expressam por meio da linguagem que representa o seu povo, passada de geração a geração.

Segundo Biderman (2002), os povos indígenas e africanos aprenderam o português por necessidade, mas deixaram marcas profundas na língua do Brasil. E isso é perceptível ao

analisar termos no léxico brasileiro originados das trocas linguísticas com esses grupos. Alguns exemplos de termos de origem africana são: *berimbau*, *marimba*: instrumentos musicais; *caçula*: filho mais novo; *corcunda*: bossa, protuberância nas costas; *canfinfa*: azar; *calunga*: mar, peixe, morte; *dengo*: choradeira, manha, faceirice.

Quanto à base indígena preexistente no Brasil, Borges (2010) afirma que se mantém ativa através da nomeação de objetos de uso diário, alimentos, componentes da flora, fauna e universo físico, pois são recorrentes nomes tupis na antroponímia, toponímia, na caracterização de usos, costumes e crenças. Alguns exemplos são: *caju, cipó, lobo-guará.*

Ademais, pode-se dizer que o português brasileiro, por ser uma variante advinda do português de Portugal, tem contribuições de muitos outros povos, além de indígenas e africanos. Para Carvalho (2009), os elementos importados de outras línguas europeias para Portugal foram introduzidos na Idade Média, oriundos das demais línguas latinas, também em formação na época, como francês, espanhol, italiano, galego e romeno. Também houve influências das línguas europeias não latinas como o alemão, o inglês. Ou mesmo de línguas não europeias, como o hebraico.

Com base nessas informações, pode-se dizer que muitos foram os processos até que houvesse a consolidação do português brasileiro. A língua que aqui utilizamos foi atravessada por diversos fatores, políticos, históricos, culturais e identitários que influenciaram fortemente na sua formação.

Dessa maneira, nota-se a diversidade linguística presente na formação do léxico brasileiro. O que deve ser problematizado é o apagamento das contribuições das línguas africanas e indígenas, considerando que elas foram essenciais na formação do português brasileiro. Este fator pode ser chamado de linguicídio. Segundo Nascimento (2019), linguicídio é o extermínio das línguas ditas inferiores pelo colonizador.

Nesse sentido, podemos dizer que a supressão das contribuições dos povos minorizados se atrela aos ideais coloniais, desconsiderando a diversidade linguística e cultural que compõe a história do país. E para legitimar essa visão, a língua dominante encontra formas de reforçar os estereótipos negativos atribuídos aos grupos sociais que não detém o poder.

Logo, neste trabalho, o foco será no uso de sentenças racistas do português brasileiro, que dizem respeito à população negra e que foram cristalizadas no léxico, devido aos diversos fatores sociais que contribuem com a naturalização e a manutenção do racismo.

1.2. PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

Neste tópico, abordaremos os processos de significação das palavras, com base nos estudos semânticos, morfológicos e etimológicos, tendo em vista que os significados são produzidos socialmente.

A Linguística é a ciência que estuda a linguagem humana. A partir do século XX, houve um grande impulso dado aos estudos da área, em especial a partir da apresentação das ideias dicotômicas de Ferdinand de Saussure, que influenciaram o desenvolvimento da teoria linguística (RIBEIRO, 2016). O seu curso de Linguística Geral contribuiu com os posteriores estudos acerca da linguagem, pois a língua passou a ser objeto de pesquisa.

A Semântica é a área de estudo da Linguística responsável pela significação das palavras e das sentenças. Na perspectiva de Ribeiro (2016), a semântica é a ciência empírica, descritiva, que tem por objeto o estudo da relação dos signos com aquilo que eles significam ou o estudo das palavras no que diz respeito aos seus significados.

De maneira análoga, a significação é o processo que associa um objeto, um ser, uma noção ou um acontecimento a um signo capaz de os evocar: uma nuvem é sinal de chuva, um franzir de sobrancelha sinal de perplexidade, o latido de um cão sinal de cólera, a palavra "cavalo" é o signo do animal" (GUIRAUD,1972, p. 15). De acordo com o autor, o signo é um estímulo cuja ação sobre o organismo provoca a imagem de um outro estímulo.

Borba (2005) afirma que se entendermos a significação ou sentido como possibilidade de interpretação, pode-se dizer que toda atividade social é produtora de significados já que a todo momento somos chamados a interpretar as diversas situações da vida em sociedade. Nesse sentido a significação é veiculada por signos e a vida social está impregnada deles.

Analogamente, Ribeiro (2016) salienta que a semântica lexical estuda o significado individualizado dos itens lexicais e as relações semânticas que mantêm com outros itens lexicais, é o estudo do que itens lexicais individuais significam, porque eles querem dizer o que dizem e como podemos representar tudo isso.

De acordo com Basílio (2004), as palavras são elementos de que dispomos a todo tempo para formar enunciados. A autora chama a atenção para o fato de que quase sempre fazemos uso automático das unidades lexicais, sem parar para pensar nelas. Nesse sentido, não percebemos quando utilizamos um termo que nunca havíamos utilizado antes, a exemplo de formas permitidas apenas em situações coloquiais, como *deduragem*.

Do mesmo modo acontece com termos com os quais temos contato pela primeira vez e nem nos causam estranhamento. Basílio (2004) ressalta ainda que estes processos de formação de palavras escondem mistérios difíceis de explicar. Algumas formas são aceitas naturalmente,

outras não, bem como muitas palavras são naturalizadas, porém, depois acabam sendo problematizadas, por apresentarem dilemas sociais.

Para Garcia (2001), muitas mudanças de significados são pejorativas, fazendo com que as palavras adquiram um caráter pejorativo. Essas palavras são importantes, por retratar os hábitos, os pensamentos e os preconceitos de uma determinada época, como podemos ver no exemplo a seguir:

> A palavra criado tinha o sentido de uma pessoa, órfã ou filha de pobres, que era *criada como filho* por uma família; como a hipocrisia e a crueldade que sempre caracterizaram a sociedade brasileira transformava esse "filho adotivo" num empregado doméstico sem salário, a palavra criado adquire o sentido de *serviçal doméstico* (GARCIA, 2001, p. 6).

Nessa perspectiva, Antunes (2012) afirma que a linguagem intermedeia nossa relação com o mundo. No entanto, essa relação não se dá, diretamente. Não se dá entre as palavras e as coisas. Essa relação se dá entre as categorias cognitivas construídas ao longo das experiências e as palavras de que a língua vai dispondo para expressar tais categorias.

Isto é, as palavras são a representação linguística dessas categorias cognitivas que são construídas e armazenadas pelos falantes. Então, se o léxico de uma língua pode ser visto como uma espécie de memória representativa da cognição, se trata de uma memória em movimento constante, que se vai reformulando passo a passo, de acordo com as manifestações culturais que ele expressa.

As relações no mundo são instáveis e variáveis. "Tudo muda; tudo está em processo de definição e de redefinição; até mesmo as concepções que temos das coisas" (ANTUNES, 2012, p. 28). Consequentemente, a língua também é instável e variável, ajustando-se a cada contorno sociocognitivo dos contextos em que a linguagem é produzida.

Na semântica lexical, as palavras são definidas umas em relação às outras. Aqui, apresenta-se duas dessas relações: a sinonímia e a antonímia. As palavras podem ser consideradas sinônimas quando apresentam a possibilidade de serem substituídas umas pelas outras, em um determinado contexto, sem acarretar alteração de sentido. Quanto à antonímia, diz respeito a relações entre palavras que apresentam sentidos contrários (RIBEIRO, 2016)

De modo geral, para dizer que duas expressões ou palavras são sinônimas, elas precisam ter o mesmo sentido. Ilari e Geraldi (1987, p. 44-45) afirmam que "podemos dizer que duas palavras são sinônimas sempre que podem ser substituídas no contexto de qualquer frase sem que a frase passe de falsa a verdadeira, ou vice-versa". Por exemplo, o termo n*ovo* é sinônimo de *jovem* porque, se a referência for a um homem novo, o termo *novo* pode ser substituído por

jovem. No entanto, isso depende muito do contexto da frase. Duas palavras podem ser sinônimas numa situação e não em outra.

É impossível falar em sinônimos perfeitos porque eles não se substituem em todos os contextos. O que significa dizer que o enunciador pode tornar sinônimas palavras ou expressões que em outro contexto não o são. Com relação aos antônimos, também não há oposição absoluta entre eles, de forma que palavras diferentes podem ter um mesmo antônimo, desde que tenham ao menos um sentido em comum (ILLARI; GERALDI, 1987).

Dessa maneira, Ribeiro (2016) afirma que a sinonímia está ligada, diretamente, às intenções comunicativas dos falantes, não podendo ser dissociada de um contexto, pois tal relação de sentido envolve a situação de uso da língua, as pretensões de quem produz o enunciado naquele instante e os interlocutores envolvidos.

Além disso, faz-se importante o estudo etimológico, que trata da origem das palavras. Para Viaro (2017), as palavras são a manifestação mais visível de qualquer língua e guardam todo o seu passado. De acordo com o linguista (Ibidem), "toda palavra tem um núcleo etimológico que é sua raiz" (VIARO, 2017, p. 2). A raiz é formada por uma única sílaba na maioria das vezes, mas que é muito importante para a compreensão da formação de palavras e dos significados a ela atribuídos. Essas raízes podem ser antecedidas de prefixos ou seguidas de sufixos.

Quanto aos processos de formação da língua, podem ser divididos em derivação e composição. "O processo de derivação se caracteriza pela junção de um afixo (sufixo ou prefixo) a uma base, para a formação de uma palavra." (BASÍLIO, 2004, p. 26). Logo, dizemos que uma palavra é derivada se ela se constitui de uma base e de um afixo. As palavras *livreiro* (livro + eiro) e *reler* (re + ler) são palavras derivadas, o primeiro exemplo contém a estrutura base + afixo e o segundo apresenta prefixo + base (BASÍLIO, 2004)

Ao tratar da composição, Basílio (2004) reitera que, diferente da derivação, o processo envolve a junção de uma base à outra. Alguns exemplos são*: sofá-cama, couve-flor, obra-prima*. Na composição as expressões são mais particulares, enquanto na derivação, as formas expressam noções mais comuns e gerais. Ademais, Basílio (2004, p. 30) pondera que "a composição é um processo de formação de palavras que utiliza estruturas sintáticas para fins lexicais." Nesse sentido, mecanismos e estruturas que geralmente são utilizados para formar enunciados, passam a denominar ou caracterizar seres, uma função essencial do léxico.

De tal forma, pode-se considerar esses procedimentos que envolvem os sentidos e significações da língua primordiais para o entendimento e análise dos vocábulos em uso. Visto que os modos como as unidades lexicais se formam e se estruturam também exercem influência

em seus significados. Além disso, como assume Antunes (2012) a língua evolui e se ajusta às circunstâncias sociais e cognitivas para formar o que os falantes desejam.

Ao falar de racismo, não podemos esquecer do papel da linguagem, que é instrumento de poder, mas também de opressão. Não se trata meramente de itens lexicais, mas do contexto histórico-social por trás deles (NASCIMENTO, 2019). Por isso, iremos averiguar a manifestação do racismo por meio de palavras e expressões utilizadas pela sociedade brasileira, especificamente no contexto da rede social *Twitter*.

CAPÍTULO 2 - O RACISMO: DO PRINCÍPIO À ATUALIDADE

Neste capítulo, discute-se o racismo a partir de um panorama histórico, desde a sua origem à forma como é perpetuado na atualidade. Inicialmente, aborda-se concepções de raça e racismo na história. Em seguida, o foco é no processo de escravização brasileiro e, por fim, apresenta-se a relação entre o racismo e a língua através do conceito de racismo linguístico, considerando os processos de inferiorização do povo negro manifestados na linguagem e no mundo.

2.1 A RAÇA NA HISTÓRIA

Na perspectiva de Almeida (2019), a sociedade contemporânea não pode ser compreendida sem os conceitos de raça e de racismo, pois estes perpassam por todas as camadas sociais. Em vista disso, serão apresentadas algumas visões em torno da raça para que entendamos as origens do racismo.

De acordo com Munanga (2003), o conceito de raça veio do latim *ratio*, que significa sorte, categoria, espécie, tendo este sido usado primeiramente na Zoologia e na Botânica para classificar as espécies animais e vegetais. Com o passar do tempo, o termo raça passou a ser usado também para estabelecer classificações entre seres humanos.

Na Idade Média, essas distinções entre raças eram vistas sob um viés teológico, por se tratar de uma época fortemente marcada pela influência da Igreja. Na busca por entender quem eram os “outros”, “recém-descobertos” (negros, asiáticos, ameríndios), os religiosos europeus encontraram na Bíblia seu fundamento. Uma das explicações bíblicas para a classificação da humanidade em três raças: branca, negra e amarela foi a de que estas descenderam dos três filhos de Noé. Justificando, a escravização de negros, já que Cam, o filho negro, foi amaldiçoado pelo pai (MUNANGA, 2003).

Posteriormente, no período da Modernidade, com a justificativa de livrar o mundo das trevas e preconceitos da religião, os cientistas da época lançam mão do conceito de raça já existente para construir à sua própria concepção (MUNANGA, 2003). No entanto, a hierarquização de raças tornou-se ainda mais evidente e excludente.

Bethencourt (2018) reitera que um dos precursores na classificação racial foi o cientista Carl Von Linné, que em sua teoria associou determinadas características biológicas às qualidades psicológicas, intelectuais e culturais dos seres humanos. O naturalista dividiu os *Homo Sapiens* em quatro raças.

Na visão de Linnaeus (1725 *apud* BETHENCOURT, 2018) os americanos possuíam cabelo preto, liso e grosso e eram satisfeitos e livres; os europeus eram sanguíneos e musculosos, com cabelo sedoso e olhos azuis, além de serem ágeis, perspicazes e inventivos; e os asiáticos, escuros, melancólicos e rígidos, com cabelo preto e olhos escuros, eram severos, orgulhosos e ambiciosos; os africanos eram negros, tinham cabelo preto encrespado, pele acetinada, nariz achatado e lábios grossos; eram indolentes, negligentes e astuciosos.

Além do mais, foi difundida a ideia de que as condições climáticas ou ambientais seriam capazes de explicar as diferenças morais, psicológicas e intelectuais entre as raças, indicando que a pele não branca e o clima tropical favorecem o surgimento de comportamentos imorais e violentos e, por isso, Arthur de Gobineau recomendou evitar a "mistura de raças", pois, segundo ele, o mestiço tendia a ser o mais degenerado (ALMEIDA, 2019).

Com base nessas classificações, Almeida (2019) considera que raça não é um termo fixo ou estático, mas que está relacionado às circunstâncias históricas do contexto em que é utilizado, sendo atravessado por condições políticas e socioeconômicas, de acordo com os interesses de cada época. Dessa forma, considerando que o contexto histórico forneceu um sentido específico à ideia de raça, apresenta-se um marco importante para a construção da sociedade que temos hoje.

No século XVIII, surge o Iluminismo, um movimento intelectual que valorizava a razão em detrimento da fé, visando travar guerras contra o monopólio do conhecimento concentrado nas mãos do clero e dos monarcas, no intuito de gerar mudanças políticas, econômicas e sociais.

Para Almeida (2019) as revoluções inglesa, americana e francesa marcaram um processo de reorganização do mundo, a transição das sociedades feudais para a sociedade capitalista. Isto é, as sociedades rurais adentraram num mundo urbano e moderno, com um novo sistema econômico.

O autor ressalta que essa mesma civilização, no século seguinte, seria levada para outros lugares do mundo, os considerados primitivos, aqueles que ainda não conheciam o novo sistema. E foi esse movimento que resultou em um processo de destruição e morte, feito em nome da razão e da ciência, chamado colonialismo (ALMEIDA, 2019).

O colonialismo institui um sistema de exploração de trabalho através da invasão e tomada de poder de territórios, no qual a mão de obra de sociedades consideradas inferiores era explorada. Nesse viés, o conceito de inferioridade foi legitimado pela concepção de que a humanidade é dividida em diferentes raças, umas mais evoluídas que as outras.

Concernente a isso, Almeida (2019) ressalta que o projeto iluminista que afirmava ser a razão o meio para garantir o progresso da humanidade não foi tão benéfico como prometido, visto que seus ideais foram base para o apagamento de algumas sociedades:

> No século XVIII [...] a partir do ano de 1791, o projeto de civilização iluminista encontraria um grande empecilho: a Revolução Haitiana. O povo negro haitiano, escravizado por colonizadores franceses, fez uma revolução para que as promessas de liberdade e igualdade universais fundadas pela Revolução Francesa fossem estendidas a eles [...] (ALMEIDA, 2019, p. 19).

O resultado foi que os haitianos tomaram o controle do país e proclamaram a sua independência em 1804. Com a revolução haitiana, tornou-se evidente que o projeto liberal-iluminista não tornava todos os homens iguais e não faria com que todos os indivíduos fossem reconhecidos como seres humanos, já que essa revolução foi vista de forma negativa e até hoje a região sofre com o pouco avanço no seu desenvolvimento.

Almeida (2019, p. 20) sustenta que "a classificação de seres humanos serviria, mais do que para o conhecimento filosófico, como uma das tecnologias do colonialismo europeu para a submissão e destruição de populações das Américas, da África, da Ásia e da Oceania". O que faz com que o Iluminismo tenha sido terreno para a construção de uma ideia ilusória que transformou o europeu no homem universal e superior aos outros povos e culturas.

Por fim, o autor conclui que a raça opera a partir de dois registros básicos que se entrecruzam e complementam: 1. como característica biológica, em que a identidade racial será atribuída por algum traço físico, como a cor da pele; 2. como característica étnico-cultural, em que a identidade será associada à origem geográfica, à religião, à língua ou outros costumes.

No século XX, estudos antropológicos comprovaram que é falsa a existência de determinações biológicas ou culturais capazes de hierarquizar a moral, a cultura, a religião e os sistemas políticos. Constatou-se que não há nada na realidade natural que seja equivalente ao conceito de raça.

Apesar disso, para Almeida (2019) a noção de raça ainda é um fator político, utilizado para naturalizar desigualdades e justificar a segregação de grupos considerados inferiores, noção essa que está impregnada no imaginário das pessoas de forma contundente. Consequentemente, torna-se fundamental a discussão a respeito do racismo, por ser a causa de inúmeros prejuízos às populações inferiorizadas historicamente.

2.2 OS CONCEITOS DE RACISMO

Primeiramente, faz-se necessário diferenciar racismo de outras formas de discriminação. Para Almeida (2019), o racismo é uma forma de discriminação com base na raça, que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que resultam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, dependendo do seu grupo racial. Essa visão advém da concepção de raça que classifica e divide os seres humanos de acordo com suas características físicas e culturais, apresentada anteriormente.

De forma semelhante, Munanga (2003) apresenta a seguinte definição:

> O racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural [...] É essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são consequências diretas de suas características físicas ou biológicas (MUNANGA, 2003, p. 8).

Dessa forma, considera-se que o racismo é prejudicial à uma parte da população, pois parte do pressuposto de que traços biológicos e culturais fazem com que uns sejam superiores aos outros.

Por outro lado, o preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertencem a um determinado grupo racializado (como a ideia de que negros são violentos), e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias. A discriminação racial, por sua vez, se dá por meio de um tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados, como a proibição de pessoas negras de entrarem num determinado estabelecimento (ALMEIDA, 2019).

Diante disso, o racismo, materializado como discriminação racial, se caracteriza como parte do sistema. Almeida (2019, p. 24) diz que “não se trata de apenas um ato discriminatório ou mesmo de um conjunto de atos, mas de um processo em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais e se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas”. O que significa que se trata de um problema que perpassa a estrutura social.

Diante disso, o autor apresenta três concepções de racismo: individual, institucional e estrutural. Segundo a visão individualista, o racismo é como uma espécie de patologia ou anormalidade. Seria um fenômeno ético ou psicológico de caráter individual ou coletivo, atribuído a grupos isolados:

> [...] por isso, pode não admitir a existência de "racismo", mas somente de "preconceito", a fim de ressaltar a natureza psicológica do fenômeno em detrimento de sua natureza política. Sob este ângulo, não haveria sociedades ou instituições racistas, mas indivíduos racistas" (ALMEIDA, 2019, p. 25).

De acordo com a concepção institucional, o racismo não se resume a comportamentos individuais, mas é tratado como o resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confere desvantagens e privilégios com base na raça. O que se pode verificar até então é que a concepção institucional do racismo trata o poder como elemento central da relação racial. Logo, o racismo é uma forma de dominação.

Desse modo, segundo Almeida (2019), se é possível falar de um racismo institucional, significa que a imposição de regras e padrões racistas por parte da instituição é vinculada à ordem social. Isto é, da mesma maneira que a instituição tem sua atuação condicionada a uma determinada estrutura social, o racismo que essa instituição venha a expressar é também parte da mesma estrutura.

Entende-se então que o racismo é estrutural. Dessa forma, a última concepção é mais abrangente, pois defende que o racismo decorre da própria estrutura, do modo com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um problema apenas institucional, mas que perpassa todos os âmbitos da sociedade.

Apesar de todo esse histórico e da forma como o racismo opera na atualidade, Ribeiro (2019) salienta que ainda é comum ouvir que as práticas racistas acontecem de forma menos explícita ou até mesmo que não existem aqui no Brasil, com base no pretexto de que somos um país miscigenado e harmônico, onde a população negra é maioria. Acontece que o fato de ter mais negros não impede que o Brasil seja um país essencialmente racista, as violências mascaradas não deixam de ferir pessoas negras neste país.

2.3 ESCRAVIZAÇÃO NO BRASIL

O colonialismo resultou no processo de escravização dos povos originários das terras brasileiras e de populações africanas trazidas à força através do tráfico negreiro para exploração da sua mão de obra, em virtude do benefício dos colonizadores. Nessa perspectiva, abordaremos essa temática adiante, tendo em vista que se faz necessário entender o início do ciclo de violência racista no país.

No que diz respeito ao racismo no Brasil, não se pode deixar de analisar o passado histórico-cultural para entender as suas raízes, que têm como base o sistema escravocrata. A

escravidão mercantil africana, com registros de 1550 até 1860, é um sistema que se enraizou na história brasileira e contribuiu para a desumanização e inferiorização de pessoas que não pertenciam ao padrão branco europeu. Schwarcz (2018) afirma que há uma estimativa de 4,8 milhões de africanos tenham desembarcado no Brasil para terem sua mão de obra explorada pelos colonizadores europeus.

De acordo com a autora, o país foi o último a abolir essa forma perversa de mão de obra, em que os escravizados eram tidos como propriedade dos seus senhores, submetidos a condições abusivas e violentas. Além disso, as terras brasileiras foram as que mais receberam africanos saídos de seu continente de maneira compulsória, o que faz com que ainda hoje haja marcas profundas dessa barbárie no nosso cotidiano.

Schwarcz (2018) reitera que, anteriormente à chegada dos navios negreiros da África, os povos originários já eram escravizados no Brasil. Os colonizadores encontraram empecilhos no processo de escravização indígena, pois estes se mostravam relutantes:

> Com o desenvolvimento da cultura da cana-de-açúcar, se enraizaram padrões escravocratas. Primeiro indígenas e africanos trabalharam juntos. Com o tempo, porém, e com os altos ganhos que o tráfico de almas conferia, a escravidão africana prevaleceu [...] criou-se, com efeito, uma sociedade agridoce: a doçura do açúcar misturou-se com o ardor do trabalho compulsório e escravizado (SCHWARCZ, 2018, p. 31).

Essa barbárie perdurou por centenas de anos, durante os quais a população africana resistiu através dos mais diversos movimentos, revoltas, protestos e fugas. Schwarcz (2018) certifica que nesse período os escravizados formaram as vilas e pequenas sociedades de fugitivos, que ficaram conhecidas no Brasil como quilombos ou mocambos. O mais conhecido deles foi o Quilombo dos Palmares, que durou bem mais de cem anos.

Dessa maneira, Schwarcz (2018) enfatiza que, como resultado desses movimentos de resistência praticados pelos escravizados, em 1888 houve a abolição da escravatura, quando a Lei Áurea foi assinada pela Princesa Isabel. O que, infelizmente, não se pode afirmar é que a vitória foi totalmente garantida na prática, já que a abolição não trouxe um cenário de readequação dos ex-escravizados para uma vida justa em sociedade, pessoas negras permaneceram marginalizadas na sociedade, sujeitas a espaços subalternos e condições de vida precárias.

Ainda, pode-se ressaltar que “[...] foi durante a primeira metade do século XIX que o Brasil recebeu mais africanos. Apesar de a proibição do comércio transatlântico de escravos ter acontecido em 1831, ele prosseguiu até 1850” (REIS, 2018, p. 411). Em outras palavras, a

abolição não fez com que a escravidão acabasse por completo, já que milhares de africanos foram exportados no período ilegal

Para Schwarcz (2018), discutir seriamente os limites históricos entre o trabalho escravo e o trabalho dito livre permite que desconstruamos a ideia ilusória de que o dia 13 de maio de 1888 representou um divisor de águas na história do trabalho brasileiro, ou uma redenção da civilização brasileira. Na verdade, esse ato foi um marco importante, mas que não necessariamente trouxe dias de glória para as pessoas negras ex-escravizadas.

A historiadora reitera que, com o tempo, foram institucionalizados movimentos com ideais antirracistas no Brasil, como o Movimento Negro Unificado (MNU), criado por universitários em 1978, em São Paulo. O MNU se caracterizou pela contestação da ordem vigente e pela denúncia do racismo, colocando em pauta as situações de desigualdade e violência com relação à população negra.

A entidade refutou as comemorações do 13 de maio, afirmando que a abolição da escravidão estabeleceu uma falsa liberdade. Em substituição, elegeram o dia 20 de novembro - data presumível da morte de Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares, grande símbolo da resistência à opressão racial - como Dia Nacional da Consciência Negra (SCHWARCZ, 2018). Atualmente, o dia 13 de maio é o Dia Nacional de Denúncia contra o Racismo, afirmando que a falsa abolição não ofereceu dignidade àqueles que foram explorados de forma desumana e que ainda há muito por lutar.

O MNU inaugurou a fase contemporânea do "movimento negro". Apesar das dificuldades, esse movimento alcançou conquistas desde a Constituição Cidadã, como a regulamentação do crime de racismo, o reconhecimento das comunidades remanescentes de quilombos, as políticas de ações afirmativas, a Lei Federal do Brasil nº 10639, que tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas. (SCHWARCZ, 2018). O movimento provocou muitas respostas do Estado no que diz respeito às questões raciais, apesar dos entraves estruturais.

Conhecer a história das associações negras é necessário para entender as dificuldades enfrentadas pelo povo negro. Esses grupos impulsionaram o sentimento de pertencimento e contribuíram para a percepção das desigualdades e discriminações raciais em nossa sociedade, animando os movimentos de reivindicação por direitos e cidadania. Ainda mais, colaboraram para manter viva uma experiência de resistência e ação coletiva, que remonta à época da escravidão.

No entanto, grande parte da população não entende a complexidade desses movimentos, por falta de conhecimento ou por não se sentirem prejudicados pelas mazelas do racismo, o que ainda aprisiona as pessoas num pensamento racista. Com relação a isso, Silva (2018, p. 11) reitera que: “Embora a escravidão seja quase tão antiga quanto o homem na história e esteja presente no desenrolar de quase todas as culturas, é com extrema dificuldade que conseguimos estudá-la como algo que ficou no passado e lhe pertence completamente.” As sequelas deixadas marcam a vida cotidiana da sociedade, principalmente a das pessoas negras.

2.4 PÓS-ABOLIÇÃO

Atualmente, com 134 anos de extinção da escravidão no Brasil sabe-se que as marcas do passado escravista ainda atormentam o país. Afinal, contabiliza-se mais tempo de escravidão do que de abolição no território. O processo de colonização estabeleceu uma visão branca e eurocêntrica que ainda rege a vida e permeia todos os espaços, um deles é a linguagem, visto que os povos colonizados foram obrigados a se adaptar à língua do invasor.

Nesse sentido é que entendemos como o racismo é materializado por práticas sociais, sejam elas conscientes ou não. O mito de que não somos um país racista é embasado num viés colonial e europeu. Pessoas negras foram negadas de estar em determinados espaços por séculos, atualmente há algumas políticas de reparação, como o sistema de cotas, mas temos um longo caminho pela frente.

O mito da democracia racial, como aponta Ribeiro (2019), carrega a ideia de que, por ser um país composto por diversas culturas, cores e fenótipos, não há racismo no Brasil, não há separação entre negros e brancos e nem diferença de oportunidades e acesso. Na realidade, há diferenças e muitos privilégios são destinados às pessoas brancas, mesmo que elas não percebam.

Se a população negra é a maioria no país, quase 56%, o que torna o Brasil a maior nação negra fora da África, a ausência de pessoas negras em espaços de poder deveria ser vista como um problema pela sociedade (RIBEIRO, 2019). O fato de espaços de poder ainda serem majoritariamente ocupados por pessoas brancas está assentado na estrutura racista do país. As pessoas negras não são minoria nessas posições por falta de capacidade, mas sim por um sistema enviesado em práticas racistas, que dificulta o acesso àqueles considerados inferiores.

Ademais, Ribeiro (2019) a firma que tratar com indiferença a desigualdade racial no Brasil é fundamental para a legitimação do imaginário racista, pois, sem críticas ou questionamentos, a discriminação racial ocorrida nas relações concretas será vista como

normal. Esse é um fator muito importante a se ater, não é porque o racismo existe há séculos que ele seja natural, na verdade, ele foi naturalizado.

Historicamente, os povos haitianos se rebelaram e os povos escravizados no Brasil também. A resistência é importante para que haja transformação social, mas, para isso, as pessoas precisam ter consciência racial. Em vista disso, é necessário nos atentar, pois um sistema baseado no viés colonialista não deseja que negros tenham conhecimento das violências que o cercam.

Isso se confirma, pois até mesmo "o fato de a maioria dos brasileiros (as pessoas negras) estar condicionada às formas mais precárias de educação linguística tem razão de ser diretamente implicada por políticas linguísticas impostas para populações afro-brasileiras e indígenas" (NASCIMENTO, 2019, p. 14). Não garantir educação ao povo negro é uma estratégia para que eles não adquiram a consciência de que podem se desprender da narrativa colonial que os minoriza.

Nesse viés, o preconceito racial é entrelaçado com o social e o linguístico, originando o racismo linguístico, que se desenha através do linguicídio, do extermínio do outro não-branco (NASCIMENTO, 2019). E esse apagamento do não-branco se materializa através de diversas práticas discriminatórias.

2.5 RACISMO NA LINGUAGEM

Em continuidade ao exposto, apresenta-se agora a relação entre o racismo e a língua, com base na concepção de racismo linguístico cunhada por Nascimento (2019).

Uma vez que admitimos que o racismo está na estrutura da sociedade, precisamos admitir que a língua tem grande impacto nessa estrutura. Entende-se que o racismo é produzido nas condições históricas, econômicas, culturais e políticas, e nelas se firma, mas é a partir da língua que ele materializa suas formas de dominação (NASCIMENTO, 2019).

Como dito anteriormente, o racismo é resultado de inúmeros processos de discriminação entre pessoas. E isso se manifesta na linguagem utilizada diariamente, na forma como as pessoas se expressam, pois as nossas vivências são atravessadas por ideologias, mesmo nem sempre sendo perceptíveis.

Para Nascimento (2019), a linguagem tem sido um grande fetiche do mundo ocidental há séculos. Não apenas através das diversas formas de normatização e idealização das línguas nacionais, tendo a Europa como base, mas também pela própria forma de reprodução da

linguagem na modernidade, consolidada nas bases do ideal europeu. O ato de nomear é fundamental nessa definição.

Mbembe (2014) aponta que o francês *nègre* (ou "negro") passa a ser usado de maneira intensificada nos últimos três séculos da escravidão negreira. Portanto, é preciso entender o signo "negro" como um conceito criado pelo colonizador branco e não como um conceito natural. Então, os negros africanos, antes de serem escravizados, não se chamavam como "negros" ou reivindicavam para si a identidade "negra" de forma natural, essa foi uma denominação do colonizador.

Assim, não se pode afirmar que a língua é um lugar pacífico. A língua é um lugar de embates. "A ideia de língua nacional passa a ser perigosa à medida que, ao contrário de apenas se contrastar com um projeto dominante maior, ela passa a ignorar centenas de línguas já existentes no seio de um território. É o caso das línguas indígenas brasileiras" (NASCIMENTO, 2019, p. 19).

Ao serem politizadas, as línguas perpassam por cor, gênero, etnia, orientação sexual e classe porque elas funcionam para desenhar projetos de poder, dentre os quais o próprio colonialismo e a colonialidade que ainda reverbera entre na sociedade, como continuidade dele (NASCIMENTO, 2019).

> Isso fica mais conciso à medida que examinamos palavras na língua que dizem respeito a processos de racialização. É o caso de "denegrir" que se supõe que iniciou através de um processo de "desenegrecer" e se tornou sinônimo incongruente de "caluniar". Como também o caso de chamar cabelo crespo de "cabelo ruim". Porém, é necessário um amplo processo de pesquisa para remontar os argumentos em torno dessas palavras e expressões. Há muito tempo elas não podem ser entendidas somente por sua própria etimologia (NASCIMENTO, 2019, p. 19).

Nessa perspectiva, considera-se que as palavras derivam de diversos processos, históricos, culturais, raciais. Por isso, não podem ser analisadas apenas sob um ponto de vista. Mesmo que ao longo do tempo os movimentos negros tenham lutado para construir ferramentas políticas que visam emancipar pessoas que sofreram e sofrem por causa do racismo, o pensamento racista ainda está entranhado na sociedade e isso se concretiza através das práticas cotidianas permeadas pela língua.

Para Almeida (2019), o racismo é uma ideologia, desde que se considere que toda ideologia só pode subsistir se estiver ancorada em práticas sociais concretas. Portanto, até mesmo pessoas negras podem reproduzir em seus comportamentos individuais o racismo de que são as maiores vítimas, por exemplo quando negam a sua própria identidade, pois veem um problema em considerar-se negras, já que o termo é historicamente atribuído ao que é negativo.

Essa condição é perceptível nas formas de manifestação do racismo no cotidiano por meio das redes sociais, exemplo disso são as postagens feitas através do *Twitter*, com o uso de palavras e expressões que associam o negativo ao negro, como “magia negra”, “denegrir”, “dia de preto”, "lista negra".

Dentro de uma perspectiva histórico-cultural, não se trata apenas de vocábulos, mas da historicidade por trás deles, pois os termos são utilizados dentro de um contexto social que não pode ser desconsiderado (NASCIMENTO, 2019). A língua é parte da história e as formas de expressão utilizadas pelos falantes são atravessadas por essa história.

Para Mbembe (2014, p. 256), “Existem palavras que magoam. A capacidade de as palavras ferirem faz parte do seu próprio peso". Dessa maneira, considerando que o peso do que se diz está atrelado a diversos fatores sociais, este trabalho se propõe a averiguar origens, significados e intenções de palavras e expressões de cunho racista publicadas por usuários da rede *Twitter*.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, serão apresentados os procedimentos metodológicos que foram utilizados para a realização da presente pesquisa. De acordo com Kauark (2010, p. 26), “existem várias formas de classificar as pesquisas, a depender da natureza, da abordagem (assunto), do propósito (objetivo) e dos procedimentos efetivados para alcançar os dados (meio)”.

A presente pesquisa é de natureza básica, pois objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista, tratando de interesses amplos, ao contrário da pesquisa aplicada que tem o intuito de contribuir com soluções para problemas específicos (KAUARK, 2010).

A abordagem metodológica proposta neste trabalho será de cunho qualitativo. Esse tipo de método busca estudar um determinado problema e verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas. Para os autores Denzin e Lincoln (2006), a palavra qualitativa enfatiza as qualidades de aspectos que não podem ser examinados ou medidos experimentalmente em termos de quantidade.

Do ponto de vista dos objetivos, o estudo tem características exploratórias. Segundo Gil (2002), as pesquisas exploratórias visam a uma maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito, tendo um planejamento flexível, considerando os mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Além disso, apresenta caráter explicativo, pois busca identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos (GIL, 2002).

Quanto aos procedimentos técnicos, trata-se de um estudo bibliográfico. Gil (2002) afirma que esse tipo de trabalho é desenvolvido com base em materiais já elaborados, constituído principalmente de livros e artigos científicos. O embasamento teórico fundamenta-se nos estudos semânticos de autores como Guiraud (1987), Borba (2005), Ribeiro (2016). Quanto ao léxico, estuda-se Antunes (2012), Basílio (2004), Biderman (2002), Mattos e Silva (2004). A pesquisa vale-se dos estudos sociais de Almeida (2019), Ribeiro (2019), Schwarcz (2018), Munanga (2003) e Nascimento (2019) para o entendimento de questões relativas ao racismo e sua relação com a linguagem. Para tanto, utiliza-se também para a análise das palavras e expressões os dicionários Houaiss (2004), Ferreira (2004) e Michaelis (2015).

Para a coleta de dados, utilizou-se a plataforma *Twitter*, uma rede social criada em 2006. As postagens na rede funcionam como mensagens de texto, mas são publicadas de forma aberta na internet, com um limite de 280 caracteres, portanto, são mensagens curtas. T*weet* é o nome que se dá aos *posts* feitos nessa plataforma, que podem conter, além das mensagens escritas,

imagens ou vídeos. Cabe dizer que a rede social *Twitter* tem a função de *retweet*, utilizada para republicação de um *tweet*.

Apesar dos 17 anos de existência, o *Twitter* se consolida entre as principais redes sociais do momento, as atualizações dos acontecimentos do mundo inteiro são postadas através dessa espécie de micro blog. Dentre as suas configurações, há a opção de pesquisar palavras-chaves e encontrar *tweets* específicos, e essa praticidade foi uma das motivações para a escolha do campo de pesquisa do presente trabalho.

Além do mais, como usuária da rede, a pesquisadora percebe que as publicações dos usuários do *Twitter* costumam ser feitas de forma pouco cautelosa, por vezes contendo comentários preconceituosos e discriminatórios. É importante ressaltar também que o *Twitter* é um espaço em que as pessoas, muitas vezes, não revelam sua real identidade.

A ferramenta foi escolhida ainda no segundo semestre de 2021, inicialmente, numa proposta de trabalho para a disciplina de Semântica do curso de Letras. Mas, devido à impossibilidade de dar continuidade ao estudo na época e ao grande interesse em pesquisar sobre a temática que envolve racismo e linguagem, decidiu-se dar prosseguimento no Trabalho de Conclusão de Curso.

Para a análise, doze *tweets* foram selecionados para compor o *corpus* da pesquisa. A pesquisa inicial no *Twitter* foi feita através de palavras-chaves e expressões racistas já conhecidas pela autora. Desse modo, buscou-se escolher postagens em que houvesse maior facilidade para analisar o contexto de uso dos vocábulos e expressões, através das informações apresentadas pelos autores de cada *tweet*.

Os *tweets* datam anos diferentes, 2021, 2022 e 2023, pois, ao realizar a busca na rede Twitter, são apresentados *posts* diversos que contém a palavra ou expressão pesquisada. A proposta foi de analisar dados relativamente recentes. Além disso, as postagens serão dispostas de acordo com uma lógica estabelecida pela pesquisadora, através da exposição de *prints.*

Sendo assim, inicialmente foram analisados *tweets* que associam negatividade aos termos *negro* ou *negra* e suas variações: *denegrir, ovelha negra, magia negra, não sou tuas negas* e *cheiro de nego.* Em seguida, analisou-se expressões que apresentam os termos preto/preta: *dia de preto* e *a coisa tá preta*.

Posteriormente, é feita a análise da expressão de número 8, *inveja branca*, que atribui positividade ao termo *branca*. Por fim, apresenta-se a palavra *mulata* e a *expressão da cor do pecado*, respectivamente, que têm semelhanças entre as suas significações, atribuindo conotação sexual ao corpo negro.

Além disso, as expressões *ovelha negra* e *a coisa tá preta* são analisadas duas vezes, apresentando sentido negativo em um *tweet* e positivo em outro, pois se trata de expressões que foram ressignificadas na Língua Portuguesa, como forma de desconstrução de ideais discriminatórios.

As palavras e expressões serão analisadas considerando seus significados no contexto de uso atual, atendo-se aos fatores sociais, históricos e culturais que envolvem o racismo, a sociedade e a linguagem. O Quadro 1 apresenta as palavras e expressões contidas nos *tweets* selecionados, em ordem de análise.

Quadro 1. Palavras e expressões selecionadas

PALAVRA OU EXPRESSÃO
1. DENEGRIR
2. OVELHA NEGRA
3. MAGIA NEGRA
4. NÃO SOU TUAS NEGAS
5. CHEIRO DE NEGO
6. DIA DE PRETO
7. A COISA TÁ PRETA
8. INVEJA BRANCA
9. MULATA
10. DA COR DO PECADO

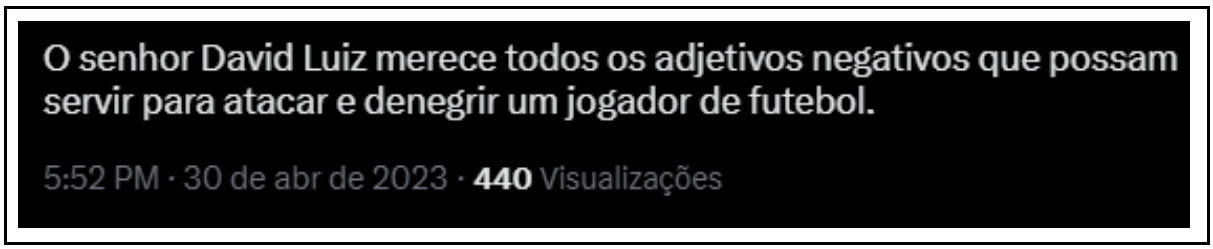
Fonte: Elaboração Própria

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta seção, analisaremos palavras e expressões de cunho racista utilizadas no contexto da rede social *Twitter*. Foram selecionados doze *tweets* para a análise e discussão dos dados. A fim de embasar a argumentação, utilizamos o referencial teórico do presente trabalho, a partir dos fatores linguísticos, históricos e sociais, considerando a sua influência na formação e no uso da língua. Desse modo, considera-se o peso do racismo estrutural manifestado por meio da linguagem para realizar as discussões.

4.1. PALAVRA *DENEGRIR*

Figura 1. *Print* de *tweet* com a palavra *denegrir*



Fonte: *Twitter*, 2023.

Na Figura 1, apresenta-se um *tweet* em que o usuário da rede faz um comentário demonstrando descontentamento com o trabalho do jogador de futebol David Luiz, atualmente, componente da equipe brasileira *Clube de Regatas do Flamengo*. Na exposição, os verbos *atacar* e *denegrir* são utilizados como complementares para expressar a intenção de difamar, criticar a imagem do jogador.

De acordo com Moraes e Silva (1823), a palavra denegrir é derivada do latim *denigrare* e significa "fazer negro; fig. manchar; denegrir a *reputação*". No Dicionário Etimológico O*nline* (2023), afirma-se que *denigrare* é formada pela junção do prefixo *de* e da base *niger*, de é um prefixo originado do latim que exprime proveniência, causa, instrumento, posse etc. e *niger* é um substantivo que quer dizer negro ou escuro. Portanto, *denigrare* significa literalmente tornar mais escuro. Normalmente, quando alguma coisa fica suja ou manchada, escurece. Por isso, *denigrare* ganhou também o significado de manchar.

Ferreira (2004) define a palavra denegrir como um verbo transitivo direto que significa *tornar negro, escuro; enegrecer, escurecer*. Nesse dicionário, para exemplificar a utilização do termo no sentido literal, utiliza-se a oração: *os cigarros denegriram-lhe os dentes*, indicando o escurecimento. Já no sentido figurado, o termo pode significar manchar a imagem ou reputação

de alguém, e essa é a forma com que é comumente utilizado no português do Brasil, assumindo uma conotação negativa, como no *tweet* exposto na Figura 1.

Nesse sentido, pode-se dizer que, de acordo com a sua etimologia, *denegrir* não diz respeito à racialização ou à identidade de pessoas negras. No entanto, não se pode analisar a palavra apenas do ponto de vista etimológico, pois as marcas profundas que foram deixadas no Brasil e no mundo através do processo de escravidão se deram também por meio da linguagem, manifestando o racismo linguístico.

Nascimento (2019) afirma que o termo *negro* passa a ser utilizado para nomear pessoas a partir do sistema de colonização que resulta na escravidão negreira e dizimação dos povos originários do Brasil. As pessoas escravizadas não se reconheciam como *negras* em suas nações de origem, mas foram chamadas assim pelos colonizadores, e o termo passou a ser mais utilizado na modernidade. Portanto, trata-se de uma nomeação imposta que afirma a linguagem como instrumento de poder, multiplicador do racismo. Ou seja, os colonizadores racializaram os escravizados para dominá-los.

A partir de então, em variados contextos, o termo *negro* passou a ser associado a concepções negativas. No entanto, não existem raças humanas sob o viés biológico, pois esta foi uma criação política e intencional (NASCIMENTO, 2019; ALMEIDA, 2019), a fim de instituir um grau de superioridade ao colonizador branco, inferiorizando o negro. Sendo assim, trata-se de uma ideia criada sob o viés racista, que não faz parte da realidade natural.

Contudo, é importante destacar que, atualmente, a negritude é afirmada como marca de identidade da população brasileira que tem ascendência africana, adquirindo um sentido positivo. Cabe enfatizar que o termo *enegrecer*, sinônimo de denegrir, tem sido utilizado como símbolo de resistência, como estímulo à valorização da identidade negra e da luta para que pessoas negras ocupem os espaços que lhe foram negados na história da escravização.

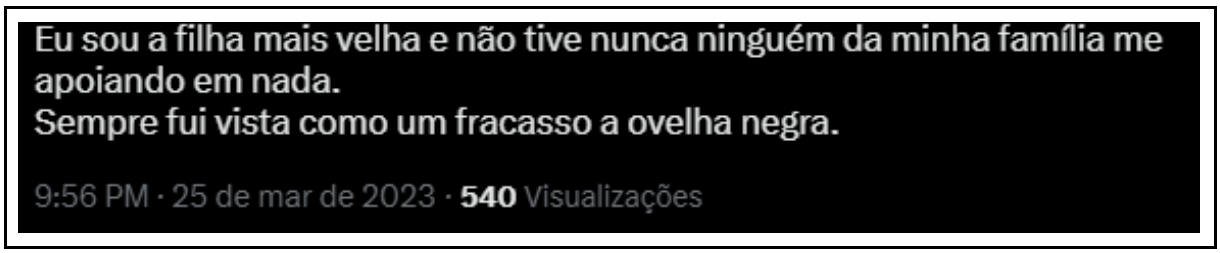
Enegrecer é também o nome do Coletivo Nacional de Juventude Negra, que atua na luta antirracista do Brasil, em favor de justiça e dignidade para as pessoas negras. Desse modo, pode-se dizer que termos racistas têm passado por processos de ressignificação a fim de valorizar a identidade negra, contrariando o ideal colonialista.

No entanto, a palavra denegrir atualmente é utilizada de acordo com seu sentido negativo, como sinônimo de difamar, não é um termo que foi ressignificado. Nesse contexto, considerando a intencionalidade presente no texto da Figura 1, podemos afirmar que o termo *denegrir*, mesmo que inicialmente não estivesse relacionado ao processo de racialização a partir da escravidão, assume uma conotação racista.

A pessoa que escreveu o *tweet* da Figura 1 possivelmente entende o sentido prejudicial do termo, no entanto, não faz uma reflexão crítica sobre o seu uso, contribuindo, de forma não intencional, com a manifestação da falsa ideia perpetuada pelo colonialismo, a de que negros se associam ao que é negativo e ruim, como pontua Almeida (2019). Ao utilizar o termo *denegrir* para prejudicar a imagem de outra pessoa, o autor do *tweet*, mesmo que sem intenção, contribui com a manutenção do racismo através da linguagem, considerando o sentido atual da palavra e sua associação ao *negro*.

4.2 EXPRESSÃO *OVELHA NEGRA*

Figura 2. *Print* de *tweet* com a expressão *ovelha negra*



Fonte: *Twitter*, 2023.

Na Figura 2, apresenta-se uma postagem em que a autora utiliza a expressão *ovelha negra* para queixar-se da falta de apoio da própria família, admitindo ser vista de forma repulsiva por seus familiares, como um *fracasso*, em suas palavras. Nesse sentido, a *ovelha negra* é destacada como a pessoa que se difere de forma ruim dos demais familiares.

De acordo com Froes (2020), a partir do viés biológico, considerando que a maioria das ovelhas são brancas, justifica-se que as ovelhas negras surgem quando há uma mutação genética. Além disso, de acordo com a história do pastoreio, estas se diferenciavam por não acompanhar os outros animais, pois destoavam do grupo e eram mais difíceis de cuidar e tratar. Por isso, com a diferença evidente, eram chamadas de *ovelhas negras.*

No contexto bíblico cristão, as ovelhas são conduzidas por um pastor que as guia e protege, andando sempre à frente do rebanho. O pastor também era responsável por encontrar boas pastagens e prover água para suas ovelhas (GONÇALVES, 2017). Nesse caso, Jesus é o pastor que ama as suas ovelhas, ou seja, os seus seguidores. Logo, a expressão *ovelha negra* refere-se à ovelha que se desgarrou do rebanho, à pessoa pecadora, que faz coisas erradas.

Na concepção de Camargo (2017), *ovelha negra* é uma expressão pejorativa utilizada para denominar uma pessoa que está fora dos padrões considerados normais pela sociedade ou

pelo seu grupo familiar De forma similar, Michaelis (2015) concebe que, no sentido figurado, a *ovelha negra* diz respeito à pessoa que destoa num grupo, por apresentar aspectos comportamentais negativos que os demais não apresentam.

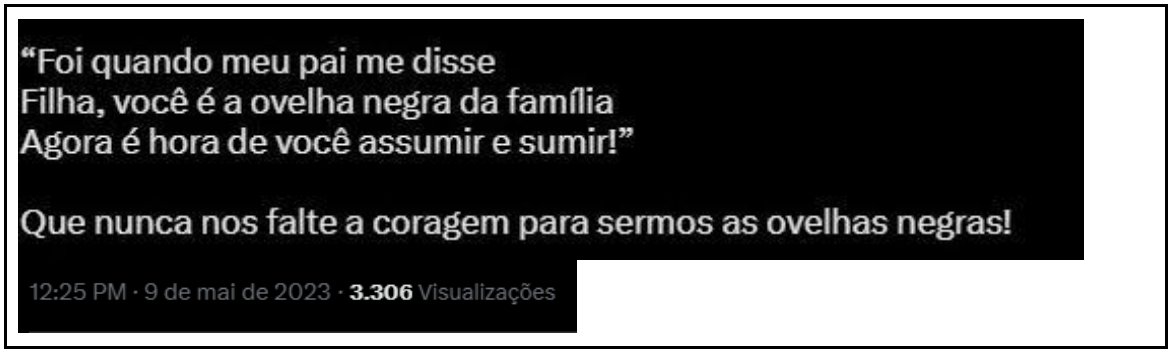
No *tweet* exposto na Figura 2, a autora é vista como *ovelha negra* por sua família. A respeito disso, podemos dizer que os padrões estabelecidos pela sociedade e que recaem no contexto familiar, muitas vezes, são nocivos e limitadores, já que algumas crenças passam de geração a geração e nem sempre são questionadas.

Desse modo, a *ovelha negra* da família é a pessoa que questiona os padrões e tende a fugir do que sempre afirmaram ser o correto, mas que não faz sentido para as suas vivências individuais. Assim, deve-se considerar que as pessoas têm suas peculiaridades, até mesmo um rebanho grande de ovelhas brancas tem diferenças entre si. Portanto, sob esse ponto de vista, ser diferente ou ter ideias próprias não é ruim, questionar padrões impostos e buscar o seu próprio caminho é benéfico.

No tweet exposto, a autora utiliza a expressão racista, mas não busca ofender outra pessoa, pois ela retrata a sua própria situação de vida. Mesmo assim, a expressão é apresentada com um teor prejudicial. Nesse sentido, temos mais uma vez a confirmação de que o signo *negro/negra* ainda é atribuído a estereótipos negativos, mesmo que hoje tenha sido ressignificado e represente um sentido positivo e de autoafirmação para pessoas negras. Santos e Neiva (2020) afirmam que as crenças, os valores e as ideologias são percebidos no discurso, ou seja, o racismo está entranhado na mentalidade humana e se expressa através da linguagem, mesmo quando não há intencionalidade explícita.

Ademais, também é possível dizer que a expressão ovelha negra foi ressignificada e tem sido utilizada num sentido positivo por aqueles que consideram louvável o ato de questionar os padrões impostos pela sociedade. Podemos perceber essa postura no seguinte *tweet*.

Figura 3. *Print* de *tweet* com a expressão *ovelha negra*



Fonte: *Twitter*, 2023.

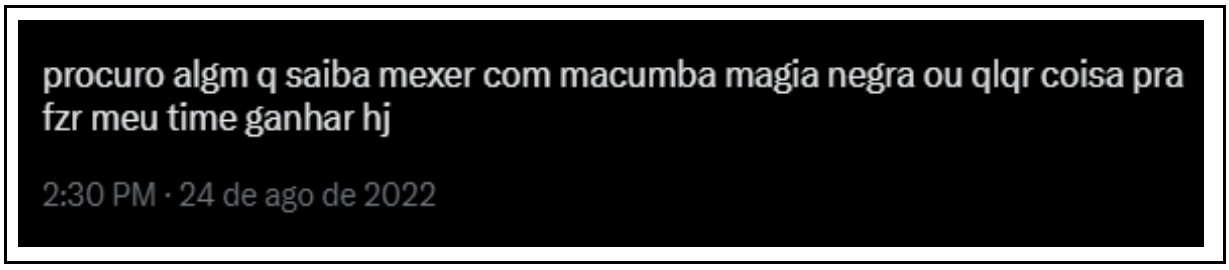
Na postagem da Figura 3, há também uma imagem com a seguinte frase “ela nos ensinou que a ovelha negra era na verdade a ovelha autêntica que todo mundo deveria ser”, em homenagem à cantora Rita Lee, que veio a falecer no dia 8 de maio de 2023. Consequentemente, a *ovelha negra*, presente na música da cantora, apresenta um sentido positivo, incentivando as pessoas a entenderem o próprio valor, pois muitas vezes são excluídas de suas próprias famílias por tentarem seguir um caminho diferente, sendo vistas como *ovelhas negras*.

A partir dos *tweets* apresentados nas Figuras 2 e 3, podemos dizer que a expressão *ovelha negra*, quando utilizada para diminuir a imagem de alguém, denota cunho racista, por associar o negro ao negativo, como também, supervaloriza os moldes de uma sociedade preconceituosa, limitada a crenças sem embasamento crítico.

Alguns questionamentos que podemos fazer são estes: Por que ser diferente é abominável, se na verdade é isso o que faz com que as pessoas sejam únicas? E por que isso é associado a ser *negro*? O processo de mutação genética faz com que as ovelhas nasçam com a pelagem escura e isso as diferencia num conjunto de ovelhas brancas. Contudo, utilizar esse parâmetro para desqualificar e minimizar pessoas é uma atitude que deve ser evitada, visto que o termo *negra* hoje representa a identidade da maioria das pessoas do Brasil. Portanto, o contexto histórico e social deve ser considerado para a desconstrução de práticas discriminatórias e racistas.

4.3 EXPRESSÃO *MAGIA NEGRA*

Figura 4. *Print* de *tweet* com a expressão *magia negra*



Fonte: *Twitter*, 2022.

O usuário do Twitter, na Figura 4, utiliza a expressão *magia negra* como similar à macumba, termo referente a cultos africanos (PRIBERAM, 2023), com o intuito de que sejam realizadas ações que causem um efeito positivo para o seu time e, consequentemente, que desfavoreçam o time adversário. Sendo assim, demonstra-se um interesse próprio, sem reflexão a respeito dos usos linguísticos e dos rituais mencionados.

A palavra *magia* tem origem do latim *magīa*, indicando tudo aquilo que é ou aparente ser sobrenatural (VESCHI, 2019). A expressão *magia negra* diz respeito à "prática na qual se invoca a intervenção dos espíritos maus, principalmente do demônio, para causar o mal a outrem" (MICHAELIS, 2015), tendo o sentido contrário de *magia branca* que é aquela em que se empregam processos naturais para invocar o bem e a proteção contra o mal.

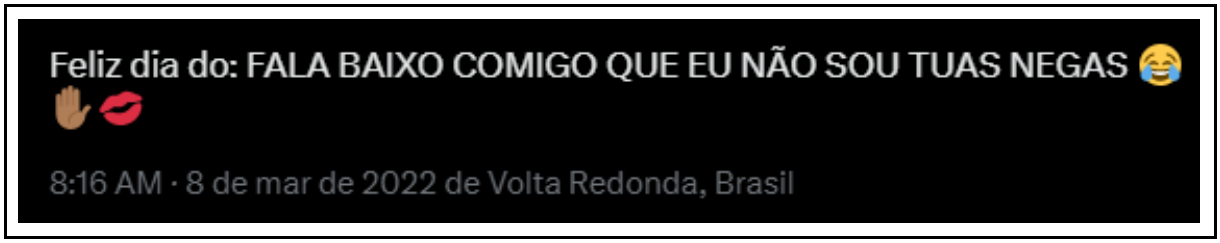
No posicionamento exposto na Figura 4, o termo *negra* carrega uma carga negativa, alterando o sentido comum da palavra *magia*, visto que faz referência a uma magia específica, que busca causar o mal ao outro. Sendo assim, o fato de a lexia *negra* caracterizar uma magia como ruim, confirma a afirmativa de que o racismo perpassa a estrutura linguística. A língua, nesse contexto, é vista como uma marca de dominação, também se dá a figura estruturante do racismo (NASCIMENTO, 2019).

No caso do uso desta expressão na Figura 4, podemos dizer que caracteriza conotação racista de duas formas, por associar *negra* ao que é ruim e prejudicial e por fazer uma associação pejorativa a práticas de religiões de matriz africana, que são inerentes à cultura negra. A união dos termos marca o racismo linguístico de forma explícita. A macumba é um ritual feito nas religiões de matriz africana, ou seja, faz parte da tradição de um povo, e deve ser respeitado, como todos os outros que são sagrados para a fé ou religião de grupos de pessoas.

A língua tem grande importância e impacto na sociedade, e é um espaço de manifestação do racismo existente na sociedade, mas também pode ser utilizada para denunciá-lo e para ressignificar os sentidos racistas. Para isso, é necessário que se assuma o racismo no Brasil. Negar a existência do que é nocivo não faz com que os efeitos prejudiciais deixem de existir e impossibilita práticas de transformação social.

4.4 EXPRESSÃO *NÃO SOU TUAS NEGAS*

Figura 5. *Print* de *tweet* com a expressão *não sou tuas negas*



Fonte: *Twitter*, 2022.

O compartilhamento do *tweet* da Figura 5 faz referência ao Dia Internacional da Mulher, celebrado em 8 de março. No *Twitter*, é muito comum que se associe a expressão "não *sou tuas*

negas” à fala de mulheres em situações nas quais estas estejam com raiva, descontentes, geralmente com seus companheiros. O uso da expressão indica, então, que exigem respeito e se impõem, dizendo: "não sou tuas negas", o que significa “não sou qualquer uma, me respeite”.

A problemática se dá pela conotação racista contida na expressão. O uso dessa expressão nos faz entender que as “tuas negas" podem ser desrespeitadas, mas *eu* não, o que remete à objetificação de corpos e ao desrespeito às mulheres negras, insinuando que elas são propriedade de alguém, como eram, de fato, no contexto da escravidão, pois pertenciam aos seus escravizadores brancos.

O termo *nega*, utilizado no *tweet* em análise, indica derivação do substantivo feminino *negra*, com síncope do *-r-*. Nesse contexto, pode-se afirmar a natureza racista da expressão, pois remete a um período de dor, em que mulheres negras eram utilizadas para satisfazer os desejos sexuais de seus senhores brancos. Além disso, está presente a visão machista advinda da sociedade, já que traz a ideia de que as mulheres são propriedade dos homens, contribuindo com a inferiorização e a hipersexualização de mulheres *negras*.

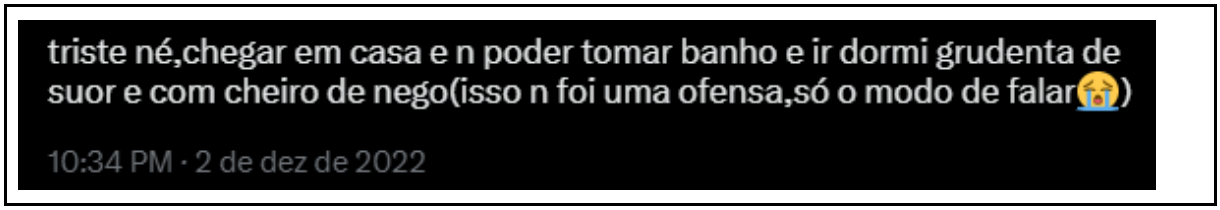
Segundo Ribeiro (2019), sexualizar é também retirar a humanidade de mulheres negras, pois deixamos de ser vistas com toda a complexidade inerente aos seres humanos, sendo consideradas apenas como objetos. A autora relata que “[...] somos muitas vezes importunadas, tocadas, invadidas, sem a nossa permissão. Muitas vezes temos nossos nomes ignorados, sendo chamadas de “nega” (RIBEIRO, 2019, p. 42). Acresce ainda que algumas atitudes até parecem inofensivas, mas são recorrentes e violam o espaço da mulher negra, exemplo disso também é quando outras pessoas tocam nos cabelos de mulheres negras sem permissão.

Sendo assim, é extremamente necessário refutar a visão colonial, que naturaliza a violação dos corpos negros e, no caso de mulheres negras, incita uma dupla violência: racista e machista. A expressão *não sou tuas negas*, portanto, contribui com o racismo linguístico, e é necessário que seu uso seja repensado, há muitas formas de expressar o que se deseja, sem que sejam utilizadas expressões violentas.

No *tweet* apresentado, a pessoa que escreveu não parece ter noção do quão problemática é a expressão utilizada, o que se torna perceptível até mesmo pelo *emoji* de risada utilizado ao final do comentário. Muitas vezes, o que é reproduzido não passa por uma reflexão, já que as pessoas apenas veem as outras agirem de tal forma por muito tempo e repetem. Todavia, não significa que não seja necessário repensar muitas atitudes, expressões e posicionamentos na sociedade. O racismo se manifesta de forma sutil, pois atitudes racistas são reproduzidas até mesmo de forma inconsciente e não intencional.

4.5 EXPRESSÃO *CHEIRO DE NEGO*

Figura 6. *Print* de *tweet* com a expressão *cheiro de nego*



Fonte: *Twitter*, 2022.

No comentário da Figura 6, a expressão *cheiro* de *nego* faz referência ao suor, líquido produzido pelas glândulas sudoríparas, uma condição humana natural. A autora do *tweet* diz estar suada e cheirando mal, com "cheiro de nego". Nesse sentido, o item lexical *nego* é associado a um cheiro ruim, como se apenas as pessoas negras pudessem cheirar mal. Além do mais, ela reconhece a conotação pejorativa da expressão, pois foi necessário enfatizar que não quis ofender.

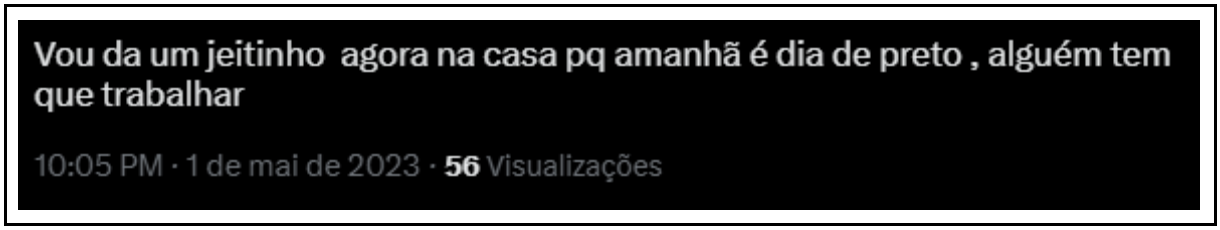
Analisando a Figura 6, evidencia-se que, novamente, a utilização do termo *negro* se refere a algo depreciativo, contribuindo com a naturalização de terminologias violentas e racistas. No caso da publicação em análise, até mesmo com o entendimento do teor ofensivo da expressão, não se optou pela substituição por outra palavra ou expressão.

Ter consciência sobre a problemática das nossas escolhas linguísticas é o primeiro passo para trabalharmos na desconstrução do ideário racista, mas nem sempre as pessoas que têm consciência procuram se aprofundar no assunto e modificar seu comportamento. Essa afirmação vai ao encontro do pensamento de Ribeiro (2019). A autora ressalta que pessoas brancas devem se responsabilizar criticamente pelo sistema de opressão que as privilegia historicamente, bem como pessoas negras podem tomar conhecimento dos processos históricos para não reproduzir seus ideais racistas.

Enfim, o uso da expressão *cheiro de nego* poderia ser evitado se de fato houvesse um conhecimento crítico a respeito das formas de manifestação do racismo e do seu impacto numa sociedade que escravizou pessoas negras por mais de 300 anos e que, consequentemente, ainda carrega inúmeras marcas escravistas. Isso é resultado do racismo estrutural de que fala Almeida (2019), pois a estrutura concretiza o pensamento racista e dificulta o combate ao racismo. Somente com conhecimento e criticidade podemos agir contra os ideais colonialistas.

4.6 EXPRESSÃO *DIA DE PRETO*

Figura 7. *Print* de *tweet* com a expressão *dia de preto*



Fonte: *Twitter*, 2023.

A expressão *dia de preto* é utilizada como sinônimo de *dia de trabalho*, o que se percebe através do seu uso na Figura 5. A usuária do *Twitter* que escreveu a postagem afirma que vai deixar a casa arrumada, pois no dia seguinte sairá para o trabalho.

De tal modo, entende-se que o termo *preto* assume conotação negativa na expressão mencionada na Figura 6, já que traz o sentido de que pessoas negras estão diretamente associadas ao trabalho, e isso remonta ao período de escravidão, em que a mão de obra negra era explorada e os escravizados viviam em condições desumanas, trabalhando incessantemente.

Na concepção de Antunes (2012), a linguagem intermedeia nossa relação com o mundo. Todavia, essa relação não se dá de forma direta, entre as palavras e as coisas. Essa relação se dá entre o que pensamos a respeito das coisas ao longo de nossa experiência e as palavras de que a língua dispõe para expressar os nossos pensamentos. Ou seja, os termos se firmam na nossa memória cognitiva, que está em constante mudança, porque as relações no mundo são instáveis e variáveis e a língua acompanha esse processo.

De forma complementar, Nascimento (2019, p. 36) diz que "o sentido dos signos é sempre provisório", se modifica de acordo com o contexto, é o caso do termo *preto*. No inglês, a palavra n*egro*, por conta das conotações racistas, se tornou um termo pejorativo ao longo das últimas décadas. No português, foi o uso de *preto* que adquiriu um sentido fortemente pejorativo.

Além disso, é importante dizer que, no caso do Brasil, “preto” e “negro” coexistem atualmente, os dois podem estar associados a contextos negativos, como no caso de palavras e expressões racistas, porém, têm sido redefinidos pelo movimento negro e retomados como termos positivos e de autoafirmação.

A pessoa que escreveu o *tweet* não aparenta ter a intenção de ofender com o seu tweet. A sua foto de perfil é de uma mulher negra. Se essa for sua real identidade, trata-se de uma pessoa negra reproduzindo uma expressão racista, o que pode configurar a falta de consciência

a respeito do racismo inerente à expressão, aliada à intenção de enfatizar que as pessoas negras trabalham muito.

No mais, cabe dizer que o uso da expressão “dia de branco”, oposta à *dia de preto*, foi muito difundido e há registros de seu significado em dicionários informais, apresentando que uma de suas origens inicialmente fazia alusão ao uniforme da Marinha, e que as pessoas diziam: “amanhã é dia de branco”, em relação ao uso do uniforme branco no dia seguinte.

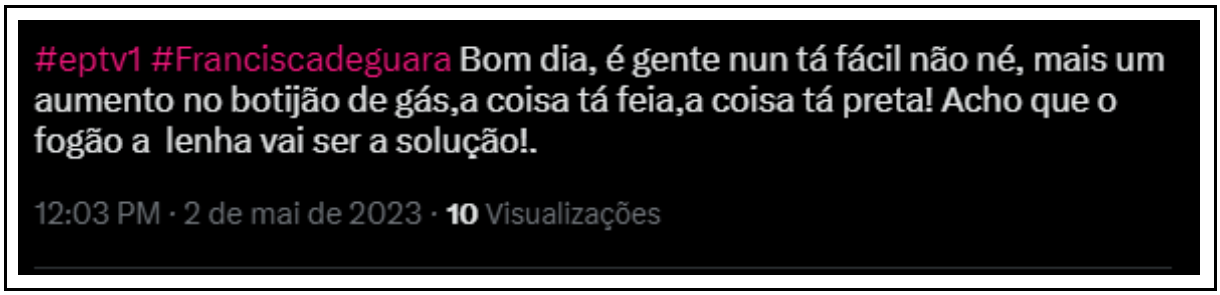
O dicionário Michaelis (2015), por outro lado, apresenta a expressão *dia de branco* com o significado de “dia útil”. E exibe *dia de negro* como dia em que não se trabalha, domingo ou feriado, por exemplo. O racismo é tão contundente, que nos dois casos, *dia de preto* e *dia de negro*, os termos que expressam a racialidade de pessoas de pele escura são associados a algo negativo. Mesmo quando *dia de preto* se refere a dia de trabalho, não é de forma positiva ou animadora. E a expressão *dia de branco* remete a algo bom nos dois exemplos apresentados.

A partir disso, pode-se indagar: por que quando há o uso do item lexical *branco* numa expressão ela é positivada? E por que motivos os termos *negro* e *preto* são quase sempre associados a significados depreciativos? As pseudociências racistas, com certeza, contribuíram para a difusão dessa visão.

Uma dessas ciências classificou as pessoas de acordo suas características biológicas e região geográfica, afirmando que os europeus eram perspicazes, com cabelos lisos e olhos azuis, enquanto os africanos eram negros, de cabelo crespo, indolentes e negligentes (BETHENCOURT, 2018). Por isso, precisamos contestar esse ponto de vista, considerando os novos estudos que comprovaram que as diferenças psicológicas ou intelectuais não estão associadas aos traços físicos ou culturais das pessoas, essa ideia é discriminatória e irreal, pois tem o intuito de hierarquizar e inferiorizar grupos sociais, resultando no pensamento racista.

4.7 EXPRESSÃO *A COISA TÁ PRETA*

Figura 8. *Print* de *tweet* com a expressão *a coisa tá preta*



Fonte: *Twitter*, 2023.

A coisa tá preta é uma expressão utilizada para indicar que uma situação está complicada. Na Figura 7, expõe-se um *tweet* em que a autora utiliza a expressão como sinônimo de "*a coisa tá feia"* para se referir ao aumento no preço do botijão de gás. Logo, na sua visão, se a coisa está complicada, a coisa está preta. Afinal, entende-se que as coisas estão pretas quando há encrenca, dificuldade (Michaelis, 2015).

O uso da expressão na Figura 7 apresenta conotação racista, pois utiliza o termo *preta* para dizer que a condição está ruim, difícil. Deve-se considerar que o fato de algo estar complicado ser visto como uma coisa *preta* elucida o racismo, uma vez que poderia ser dito de uma outra maneira. Não é necessário que se use o termo *preta* para dizer que uma situação está ruim, há inúmeras outras possibilidades na língua portuguesa.

A esse respeito, Nascimento (2019, p. 36) afirma que "[...] o sistema perverso de colonialidade, que produziu no Ocidente séculos de escravidão negreira e dizimação dos povos originários de cada lugar onde se colonizava, não se deu fora, mas dentro dos sistemas linguísticos". Por meio das línguas, os sujeitos podem representar o mundo, mas também agir sobre ele através dos seus falares.

Em outras palavras, a forma como as pessoas agem sobre o mundo utilizando a língua diz muito sobre a visão que se tem. As nossas escolhas, mesmo que não intencionais, escancaram o racismo cravado na estrutura da sociedade, na estrutura linguística. Naturalizar o racismo foi a intenção do sistema colonialista, e isso parece ter dado certo, já que grande parte das pessoas não percebem e não questionam as práticas racistas.

No entanto, parte da população que tem consciência dos problemas causados pelo racismo e luta para desconstruir a visão colonial tem feito o uso da expressão *a coisa tá preta* de forma positivada, ressignificando-a, como no exemplo a seguir:

Figura 9. *Print* de *tweet* com a expressão *a coisa tá preta.*

Fonte: *Twitter*, 2023.

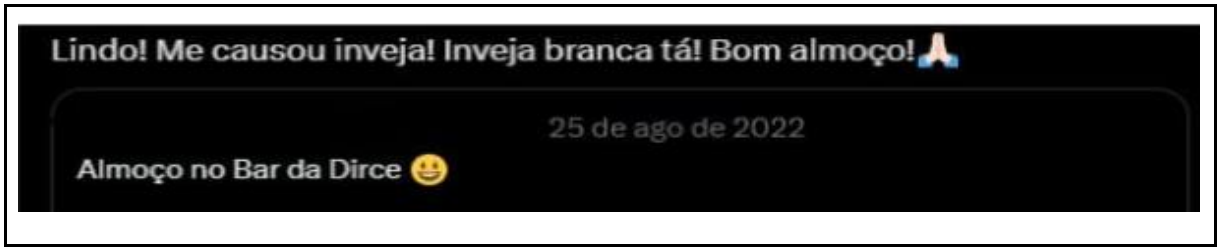
Analisando a Figura 9, percebe-se que o autor do *tweet* é uma pessoa negra que publicou um autorretrato fotográfico e escreveu a legenda "Se a coisa tá preta, a coisa tá boa", como forma de enaltecer a própria imagem, se distanciando dos estigmas negativos ligados à população negra. Isso comprova que a utilização da expressão já não assume apenas a conotação pejorativa, isso depende do contexto e da intencionalidade.

Essa ressignificação partiu da música *A Coisa Tá Preta* do rapper Rincon Sapiência, publicada em 2017. Em sua letra, contém o seguinte trecho: “Se eu te falar que a coisa tá preta, a coisa tá boa, pode acreditar. Seu preconceito vai arrumar treta [...]” (SAPIÊNCIA, 2017). A letra tem a proposta de ressignificar a expressão racista para elevar a autoestima da comunidade negra, e teve repercussão positiva.

Em suma, percebe-se que é possível utilizar a língua como instrumento de ressignificação e combate à visão racista instituída a partir da colonização de povos africanos. A língua pode ser instrumento de transformação social, se forem feitas as reflexões necessárias para atingir esse objetivo.

4.8 EXPRESSÃO *INVEJA BRANCA*

Figura 10. *Print* de *tweet* com a expressão *inveja branca*



Fonte: *Twitter*, 2022.

A expressão *inveja branca* é utilizada para se referir a uma “inveja boa”. Na figura 10, a pessoa que postou o *tweet* diz estar com inveja do prato de comida de outra, e ressalta que é uma *inveja branca*, ou seja, não é carregada por um sentimento de aversão à felicidade alheia. Nesse caso, a usuária replicou um *tweet* que continha a foto de um almoço, com a legenda “Almoço no Bar da Dirce”.

Quanto à origem e significado de *inveja*, do latim *invidĭa,* segundo Michaelis (2015), significa o sentimento de ódio, desgosto ou pesar que é provocado pelo bem-estar ou pela prosperidade ou felicidade de outrem. Quer dizer que a inveja é ruim, mas se for *inveja branca* é algo mais suave e que não apresenta má intenção, de acordo com o uso do tweet em análise.

Com o colonialismo e o processo de dominação e submissão das populações africanas através da divisão de raças, foi instituída a ideia de que o homem europeu branco é universalmente superior e, por isso, tornou-se um padrão idealizado, configurando inferioridade às pessoas que se distanciam desse padrão. Por isso, não é coincidência o fato de muitas

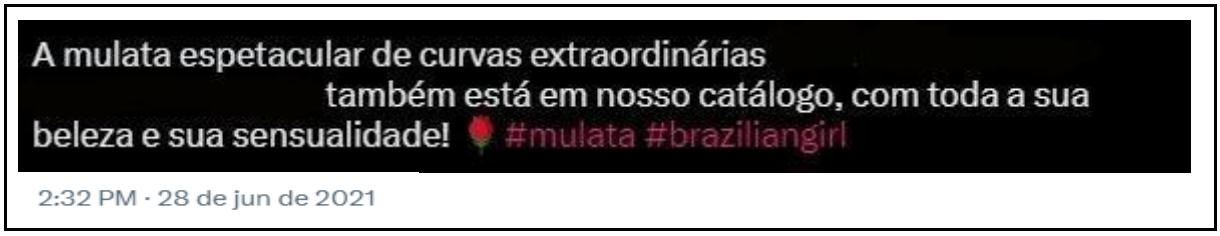
expressões carregarem o termo branco serem vistas como algo bom e no caso contrário, quando estão ligados aos termos negro ou preto, serem vistas como algo ruim ou negativo.

Dessa forma, o fato de o *signo* branco representar uma marca positiva e alterar o sentido do termo *inveja*, que se refere a um sentimento hostil, de repúdio, está também ancorado na premissa de que o branco é bom. E esse problema perpassa às questões de raça, já que *preto* e *branco* são termos associados às identidades raciais das pessoas atualmente.

Como dito anteriormente, há inúmeras opções e maneiras de se usar a língua. Se a intenção não é falar de forma ofensiva, então o ideal seria evitar uma palavra como *inveja*, que já carrega um sentido negativo. No mais, o fato de se adicionar a palavra *branca* para suavizar o sentido negativo de *inveja* manifesta um problema que se conecta à visão racista. Ou seja, a inveja é ruim, porém, se for branca é boa, demonstrando a carga racista do uso.

4.9 PALAVRA *MULATA*

Figura 11. *Print* de *tweet* com a palavra *mulata*



Fonte: *Twitter*, 2021.

O tweet presente na Figura 11 foi feito por meio de uma página de divulgação de conteúdo erótico no *Twitter*, o post faz referência à imagem de uma mulher negra que posa seminua. Percebe-se que o comentário enfatiza as curvas, o corpo sensual da modelo, atribuindo conotação sexual a um corpo negro visto como bonito, contribuindo com a ideia de hipersexualização da mulher negra.

Mulata se classifica como adjetivo e substantivo feminino de *mulato*, do espanhol; filha de pai branco e mãe preta, ou vice-versa (FERREIRA, 2004). No dicionário Houaiss (2004), encontram-se as seguintes acepções para *mulato* 1. jumento; burro pequeno, ainda novo; 2. aquele que não apresenta traços raciais definidos; 3. aquele que apresenta pelagem negra misturada com tons alaranjados (gado).

Segundo Kilomba (2019), a palavra *mulata/o* é originalmente conhecida por definir o cruzamento entre um cavalo e uma mula, isto é, entre duas espécies diferentes, que dá origem

a um terceiro animal, considerado impuro e inferior. No período de escravização, as mulheres negras eram estupradas pelos seus escravizadores e seus filhos eram chamados de mulatos.

De acordo com o Dicionário Etimológico (2023) a palavra passou a ser utilizada na época da escravidão negra nas Américas, o que evidencia a conotação ofensiva e depreciativa do termo. Assim, remete à objetificação e animalização do corpo negro, confirmando a visão racista de Arthur de Gobineau, pois afirmou que o *mestiço/mulato* tendia a ser o mais degenerado (ALMEIDA, 2019).

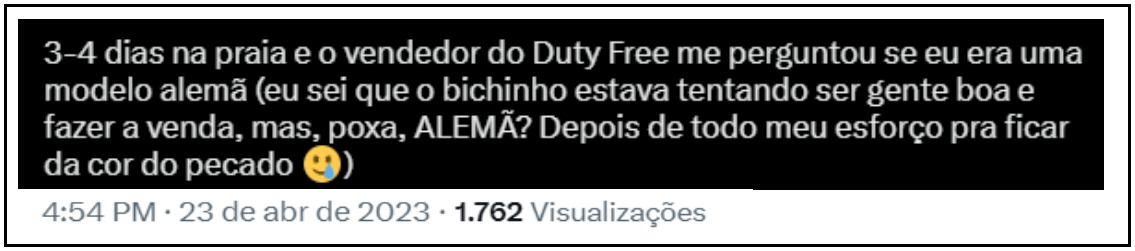
A palavra *mulata* é mais um exemplo de que elogios podem estar carregados de pejoratividade. A origem do termo confirma o quanto é ofensivo utilizá-lo para se referir a uma pessoa. Além de reduzir a mulher negra ao papel sexual, esse uso animaliza o corpo negro. A ideia de utilizar o termo *mulata* para se referir a filhas de pai branco e mãe negra ou vice-versa, com certeza, está ancorada numa premissa racista e deve ser contestada.

Dessa maneira, uma palavra que tem origem animal e que foi utilizada para se referir a pessoas que nasceram de uma violência sexual, o estupro de mulheres escravizadas, não pode ser vista de forma positiva. Há variadas possibilidades de enfatizar as potencialidades de mulheres negras, sem reduzi-las a um estereótipo racista e machista, com outras escolhas linguísticas.

Enfim, trata-se de uma palavra que tem o poder de resgatar feridas coloniais e reproduzir a ideia de desumanização de corpos negros, através do racismo na linguagem. Pessoas negras não são corpos subservientes, sexualizados, são muito mais que isso. Para atribuir sentidos positivos à negritude, precisamos repensar também a nossa linguagem e retirar do vocabulário o que violenta de forma indireta ou direta a população negra.

4.10 EXPRESSÃO *DA COR DO PECADO*

Figura 12. *Print* de *tweet* com a expressão *da cor do pecado*.



Fonte: *Twitter*, 2023.

No *post* da Figura 12, uma mulher branca publica uma foto e na legenda menciona ter passado dias na praia com a intenção de se bronzear, de ficar *da cor do pecado* e, mesmo assim, o vendedor de uma loja do aeroporto perguntou-lhe se era uma modelo alemã. A moça demonstra descontentamento, pois diz ter se esforçado muito para se bronzear. Logo, percebe-se que atingir uma tonalidade de pele mais escura é o desejo da pessoa branca quando se trata do bronzeamento, e que, nessa visão, ter a "cor do pecado" é um ponto positivo e até atraente.

O item lexical *pecado*, do latim *peccätum*, substantivo masculino, indica a violação de um preceito religioso (HOUAISS, 2004). A expressão da cor do pecado é utilizada para se referir a pessoas negras, atribuindo conotação sexual aos seus corpos. No sentido de que estes são corpos desejáveis, seguindo a lógica de que o pecado é tentador, mesmo não sendo algo bom.

Nesse contexto, a junção de palavras vista num sentido positivo pela autora do *tweet* da Figura 10, expressa conotação depreciativa, contribuindo com o imaginário da mulher negra sensualizada e sexualizada. Além do mais, o uso da expressão propaga a ideia de que a cor negra está relacionada a algo pecaminoso, em uma sociedade que atribui grande valor à religião (WELTER, 2021). Mais uma vez, a linguagem racista e machista contribui com a inferiorização e objetificação de corpos negros.

Podemos afirmar que o imaginário racista está muito bem estruturado na sociedade e na linguagem. Consequentemente, o racismo se expressa de forma explícita, quando a intenção é ofender e de maneira implícita, quando se manifesta de forma sutil ou fantasiada de uma intenção positiva.

Acontece que essa tal valorização do corpo negro, sensual, contida na expressão *da cor do pecado* reduz o corpo negro à sexualização, inibindo todas as outras potencialidades e qualidades que podem ser atribuídas às pessoas negras. E não podemos negar que reduzir as pessoas negras a apenas uma possibilidade de existência é uma ideia herdada do sistema colonialista, que suprimiu a existência do povo negro por tanto tempo, uma ideia que precisa ser rompida.

4.11 REFLEXÕES A PARTIR DA ANÁLISE

A partir do exposto, entende-se que a estrutura racista da sociedade embasada no viés colonialista influencia fortemente na forma como as pessoas utilizam a linguagem para comunicar os seus anseios e posicionamentos. Cabe reafirmar que no contexto da rede social

Twitter, os usuários geralmente não refletem os seus usos linguísticos, muitas vezes reproduzindo ideias discriminatórias e racistas de forma natural e espontânea.

Inicialmente, analisou-se a palavra *denegrir*, que tem etimologia distante da racialidade, mas atualmente é atribuída a um sentido depreciativo. Portanto, seu significado "*tornar negro"* reitera o ideário racista, já que não podemos considerar apenas a origem do termo, é necessário considerar o contexto social atual do Brasil, as atribuições que são feitas ao *negro* e as motivações históricas que contribuíram com essa visão.

As expressões seguintes: ovelha *negra*, *magia negra*, *não sou tuas negas* e *cheiro de nego* têm em comum o fato de carregarem o termo *negro/a* de forma pejorativa. Há exceção no caso de *ovelha negra*, que também pode ser vista de forma positiva, de maneira ressignificada. De modo geral, pode-se dizer que muitas pessoas não têm consciência dos termos ou expressões que se embasam em ideais racistas ou da possibilidade de ressignificação de alguns deles.

Dessa forma, atribuir ideias nocivas à negritude é contribuir para a manutenção do racismo, e isso acontece de maneira consciente e inconsciente. As palavras retratam os hábitos, os pensamentos e os preconceitos de uma determinada época, sendo assim, evidenciam uma falsa ideia de superioridade entre seres humanos, de acordo com características estabelecidas por um sistema violento.

No mais, as expressões *dia de preto*, *a coisa tá preta* e *inveja branca* confirmam a grande relação de sentidos danosos ao que é *preto*, em oposição a significados otimistas relacionados ao *branco*. Nesse momento, é importante destacar que as pessoas negras, no Brasil, de acordo com a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), são a soma de pretos e pardos. Ou seja, pessoas negras de pele escura e pessoas negras de pele clara. Há questionamentos quanto aos termos estabelecidos, pela miscigenação existente no Brasil, mas essa classificação nos ajuda a entender a complexidade do racismo no Brasil.

Sabemos que no contexto brasileiro, o racismo se dá com pessoas que são socialmente enquadradas na negritude, mesmo que muitas vezes não se queira assumir a própria identidade. E isso também é ferramenta do sistema colonialista, fazendo com que pessoas negras não se orgulhem da própria identidade e queiram se aproximar do padrão branco.

Por fim, a palavra *mulata* e a expressão *da cor do pecado* expressam a desumanização e a hipersexualização de corpos negros. A palavra *mulata* de forma muito forte associa o corpo da mulher negra ao cruzamento entre animais. Nesse caso, não há como contestar ou encontrar justificativas que minimizem o racismo presente no termo. De modo semelhante, *da cor do pecado* atribui sentido pecaminoso ao corpo negro, na tentativa de elucidar que o pecado é

desejado, mesmo que seja prejudicial. Nesse caso, o corpo negro é considerado o fruto do pecado.

Alinhado ao pensamento de Biderman (2001), ressalta-se, neste trabalho, a grande importância dos estudos do léxico para a compreensão da relação entre a língua e os contextos socioculturais. Os fatores sociais, históricos, políticos e ideológicos são expressos através dos usos da língua, manifestando o pensamento de uma sociedade. Nesse contexto, a manifestação e/ou manutenção do racismo ocorre por meio da língua, o que está ligado à visão de mundo que as pessoas têm.

O sistema de escravização construiu inúmeros estereótipos negativos relacionado às pessoas negras. Durante esse tempo, os povos escravizados lutaram contra a grande desigualdade existente, reivindicaram os seus direitos e conquistaram a abolição da escravatura. No entanto, a perversidade do colonialismo ainda reverbera nas formas de racismo atuais e há muito que construir rumo a uma sociedade antirracista.

Nessa perspectiva, pensar de forma antirracista é justamente questionar o porquê de falar o que falamos, de agir como agimos, quando se trata da temática racial. Se uma pessoa negra diz certa atitude soa ofensiva e violenta, mesmo quando não era a intenção, é necessário ouvi-la e buscar formas de desconstruir a visão racista. Só assim será possível construir um mundo mais justo, igualitário e respeitoso.

Ademais, vale ressaltar a flexibilidade da língua, como percebemos nos usos que foram ressignificados. Isso vai ao encontro da visão de Antunes (2012), quando explica que as relações no mundo são instáveis e variáveis, pois tudo está em processo de definição e de redefinição, até mesmo as nossas concepções. Consequentemente, a língua também passa por mudanças, ajustando-se aos contextos em que se produz linguagem. Logo...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo verificou que o racismo se concretiza por meio da linguagem, confirmando a hipótese levantada. O sistema colonialista e o processo de escravização brasileira impactaram diretamente na sociedade, no pensamento das pessoas, nos seus posicionamentos e, consequentemente, nas suas escolhas lexicais para manifestar o que desejam. Desse modo, as práticas racistas fazem parte da estrutura social e muitas vezes não são percebidas ou questionadas, pois foram naturalizadas.

Em relação às perguntas de pesquisa, foram respondidas, uma vez que, através das postagens analisadas no contexto da rede social *Twitter*, confirmou-se que a maior parte das escolhas lexicais são utilizadas com um viés ofensivo ou prejudicial com relação à população negra. Logo, mesmo que não haja intenção de reproduzir discriminação racial, os usos contribuem com a manutenção do racismo por meio da linguagem.

A palavra *denegrir* e as expressões *magia negra*, *cheiro de nego*, *não sou tuas negas*, *a coisa tá preta* e *dia de preto* favorecem a visão racista que associa o *negro/preto* ao que é negativo, pejorativo. De outro modo, associa-se o *branco* ao que é positivo, o que se percebe com o uso da expressão *inveja branca*. Ademais, a palavra *mulata* e a expressão *da cor do pecado* representam a violência racista através da hipersexualização de corpos negros.

Dentre os *tweets* analisados, vale destacar que ao utilizar a expressão *cheiro de nego*, a autora da publicação, afirma ter conhecimento do viés discriminatório, mas não opta por fazer outra escolha linguística, demonstrando a ausência de conhecimento crítico sobre a temática.

No mais, cabe ressaltar que expressões como *a coisa tá preta* e *ovelha negra* apresentam também usos ressignificados na respectiva rede social, a fim de denotar positividade ao que inicialmente apresentava apenas sentido negativo, contrariando a ideia colonial de que o *negro(a)* e o *preto(a)* indicam aquilo que é ruim, inferior.

Os objetivos da pesquisa foram alcançados, através da identificação e análise do *corpus*, considerando os contextos linguísticos e socioculturais e apresentando reflexões críticas a respeito da marca do racismo na Língua Portuguesa, com base nas teorias estudadas.

Assim, o trabalho pode contribuir com pesquisas do campo linguístico e social, visto que as opressões coloniais perpassam toda a estrutura, através da difusão dos falsos ideais racistas que inferiorizam a história, a cultura e a identidade daqueles que se distanciam do padrão branco europeu, visto como superior.

Entende-se que não questionar o racismo é contribuir para a manutenção e a reprodução de práticas discriminatórias, fortalecendo a estrutura racista. Ter consciência disso é de suma

importância para a profissão docente, pois a educação é uma ferramenta de transformação social. Dessa maneira, este estudo possibilitou aprendizados e reflexões que abrem portas para uma abordagem pedagógica que contrarie o pensamento colonialista e racista, contribuindo com a desmistificação de estereótipos racistas, através da interdisciplinaridade entre a temática social e a disciplina de Língua Portuguesa.

Nesse sentido, o espaço de sala de aula pode ser utilizado para discutir a diversidade e a riqueza da cultura brasileira, suscitando reflexões que favoreçam a construção de práticas antirracistas, através da linguagem e do modo de ver o mundo. É preciso se opor ao racismo, resistir e tomar atitudes que reafirmam e valorizam as contribuições e potencialidades do povo negro.

Assim, é de interesse da pesquisadora realizar estudos posteriores, contribuindo com discussões que dizem respeito ao cumprimento da Lei Federal 10.639, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira dentro das disciplinas que já compõem o currículo. Além disso, o presento trabalho pode suscitar interesse por outras pesquisas que abordam a linguagem e a temática racial atreladas aos contextos sociais e políticos que giram em torno da sociedade.

Por fim, conclui-se que este trabalho representa uma forma de desconstrução da visão racista, por apresentar dados históricos e científicos para comprovar a falsidade do ideal racista que considera a existência de superioridade entre seres humanos. O acesso à educação de qualidade e ao conhecimento crítico sobre a história do Brasil e do mundo é primordial para o enfrentamento às desigualdades sociais e raciais.

O ideal colonialista faz com que pessoas negras acreditem erroneamente que são inferiores, que não podem escrever a própria história, no entanto, elas podem e devem. Com relação a isso, Kilomba (2019) assume que, ao contrariar o sistema racista, pessoas negras podem narrar e escrever a sua própria realidade, se tornando autoras e autoridades da sua própria história e, assim, oposição absoluta ao que o projeto colonial determinou. Este trabalho faz parte do processo de autoafirmação de identidade de uma futura professora negra.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2019.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico:** o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006. Disponível em: https://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Bakhtin-Marxismo_filosofia_linguagem.pdf. Acesso em: 15 set. 2022.

BASÍLIO, Margarida. **Teoria Lexical**. São Paulo: Ática, 2004.

BETHENCOURT, Francisco. Classificações dos Seres Humanos. In: **Racismo das Cruzadas ao Século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 262-281.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A formação e a consolidação da norma lexical e lexicográfica no português do Brasil. In: **História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro**. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: Pontes, 2002.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **O português Brasileiro e o Português Europeu:** Identidade e contrastes. Persee, 2001.

BONVINI, Emílio. Língua africanas e português falado no Brasil. In: FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida. **África no Brasil**: a formação da língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2008.

BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos Estudos Linguísticos**. São Paulo: Pontes, 2005.

CAMARGO, Eliseu Aparecido de. **A ovelha negra no Rebanho do Senhor**: trajetória de um negro protestante. 142 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2017. Disponível em: https://dspace.mackenzie.br/handle/10899/25748?show=full. Acesso em: 02 maio 2023.

CANEDO, Danielle. **Cultura é o quê**? Reflexões sobre o Conceito de Cultura e a Atuação dos Poderes Públicos. Bahia: UFBA, 2009. Disponível em: https://www.cult.ufba.br/enecult2009/19353.pdf. Acesso em: 15 abr. 2023.

CARVALHO, Nelly. **Empréstimos Linguísticos na Língua Portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2009.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura política e política cultural**. São Paulo: Estudos Avançados, 1995.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (orgs). **O Planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

Dicionário Etimológico: Etimologia e Origem das Palavras 2023. Disponível em: https://www.dicionarioetimologico.com.br/a/. Acesso em: 10 dez. 2022.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa.** 3 ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FROES, Carlos. **Ovelhas Negras - Exclusão e as Diferenças**: uma visão sistêmica sobre o tema. 15 jan. 2020. Youtube: Carlos Froes. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XyAMEhW2qUE. Acesso em: 18 mai. 2023.

GARCIA, Afrânio. **Semântica Histórica**. São Paulo: SOLETRAS, 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GUIRAUD, Pierre. **A semântica**. Tradução de Maria Elisa Mascarenhas. 3. ed. São Paulo-Rio de Janeiro: Difusão Editorial, 1980. p. 15-34.

GONÇALVES, Israel Boniek. **Cuidado e Providência:** A Diligência de Deus manifesta através da Metáfora Bíblica do Pastor de Ovelhas. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdade EST. Rio Grande do Sul, 2017. Disponível em: https://dspace.mackenzie.br/handle/10899/25748?show=full. Acesso em 02 mai. 2023.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. **Semântica** (Série Princípios) São Paulo: Ática, 1985.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **Normas no Português do Brasil e Desafios para a Lexicografia Brasileira**. In: MAGALHÃES, José Sueli e TRAVAGLIA, Luiz Carlos (org.). **Múltiplas perspectivas em linguística**. Uberlândia: EDUFU, 2008. Disponível em: http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_511.pdf. Acesso em: 20 set. 2022.

KAUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia de Pesquisa**: Um Guia Prático. Bahia: Via Litterarum, 2010. Disponível em: http://www.pgcl.uenf.br/arquivos/livrodemetodologiadapesquisa2010_011120181549.pdf. Acesso em: 10 mar. 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. **Ensaios para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. **"O português são dois…"**: Novas fronteiras, velhos problemas. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

MICHAELIS, **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Melhoramentos, 2015. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/. Acesso em: 10 fev. 2023.

MORAES E SILVA, Antonio. **Diccionario da Lingua Portugueza**. Rio de Janeiro: Lisboa, 1823. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/562936. Acesso em: 14 de set. 2022.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Rio de Janeiro, 2003. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional de Relações Raciais e Educação (PENESB). Disponível em:https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf. Acesso em: 15 out. 2022.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo Linguístico**: os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

PETTER, Margarida. Termos de Origem Africana no Léxico do Português do Brasil. NUNES, José Horta. PETTER, Margarida. **História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro**. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: Pontes, 2002.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Roza Maria Palomanes. Muito além das palavras e sentidos: uma breve introdução à semântica. In: PINTO, Deise Cristina de Moraes (org.). **Introdução à Semântica**. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2016, p. 7-32.

REIS, João José. Revoltas Escravas. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio (orgs.). **Dicionário da escravidão e liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 411-418.

SANTOS, Leandro Almeida dos. NEIVA, Isamar. **Língua, Léxico e Cultura a partir dos Dados do Projeto Alib.** Rio de Janeiro: Escrita, 2020 Disponível em: https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/3928. Acesso em: 18 set. 2022.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Introdução. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio (orgs.). **Dicionário da escravidão e liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 21-41.

SILVA, Alberto da Costa e. Prefácio Escravidão e Liberdade. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio (orgs.). **Dicionário da escravidão e liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 10-14.

TILIO, Rogério Casanovas. **Reflexões acerca do Conceito de Identidade**. Rio de Janeiro: Unigranrio, 2009. Disponível em: http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/view/529/0. Acesso em 15 abr. 2023.

VIARO, Mário Eduardo. **História das Palavras**: Etimologia. São Paulo: Estação da Luz, 2017.